



**ISPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**A PSICOSE – UM ENCONTRO ENTRE AS TEORIAS  
DE BION E A METODOLOGIA RORSCHACH**

**DÉBORA SOLANGE LOPES MACEDO**

Orientador de Dissertação:

Professora DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Professora DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

**MESTRE DE PSICOLOGIA**

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Maria Emília Marques, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria Emília Marques, por me ter mostrado o caminho a seguir. O seu profissionalismo, paciência e dedicação foram fundamentais para a elaboração deste trabalho. Obrigada pelo apoio, pelas críticas e pela contenção das minhas angústias.

Ao Luís, a quem devo a realização deste sonho. Obrigada por estares sempre ao meu lado!

À minha família pelo apoio constante e pela confiança que depositaram em mim. Foi importante poder contar sempre com todos.

Aos companheiros desta viagem, pela partilha de experiências, pela compreensão, pelo apoio e pela amizade.

## RESUMO

Este estudo tem como ponto de partida a teoria do pensamento e os modelos conceituais de Bion. A psicose apresenta-se como uma grave perturbação dos processos do pensamento resultantes de falhas que ocorrem durante o desenvolvimento psíquico. Estas implicam défices graves, ou mesmo a ausência das funções consideradas fundamentais para o desenvolvimento do pensamento e da personalidade. Destacamos a *função  $\alpha$* , a *função continente*, a *função K* e a capacidade de *rêverie*. Acedemos ainda aos conceitos de *dimensionalidade psíquica* e às noções de *vazio*, de Grotstein e Meltzer. Neste estudo procuramos compreender, através do Rorschach, os processos característicos da psicose, partindo de algumas hipóteses formuladas com base na conceptualização teórica. Para o efeito foram organizados e adaptados procedimentos de análise Rorschach, em função das hipóteses definidas: *falhas na introjeção da função  $\alpha$* ; *falhas na relação continente-conteúdo*; *inversão da função  $\alpha$* ; *intolerância à frustração*; *ataque aos vínculos*. Os resultados evidenciaram a extrema sensibilidade do instrumento às perturbações dos processos do pensamento, associadas nomeadamente à impossibilidade de pensar e simbolizar, à fragilidade dos limites, à utilização da *identificação projetiva* patológica, à fuga da realidade, à intolerância ao vazio deixado pela ausência do *continente* e à bizzaria do pensamento.

Palavras-Chave: Bion; Rorschach; Psicose; Desenvolvimento do Pensamento; Funções.

## ABSTRACT

This study has as starting point Bion's theory of thought and his conceptual models. Psychosis presents itself as a serious disturbance of thought processes resulting from failures that occur during psychic development. These involve serious deficits, or even the absence of functions considered essential for the development of thought and personality. From those, we highlight the *α function*, the *continent function*, the *K function* and the capacity for *reverie*. We also acceded to Grotstein and Meltzer concepts of *psychic dimensionality* and *emptiness*. In this study, we attempt to understand, through Rorschach, the characteristic processes of psychosis, using some hypotheses formulated from the theoretical conceptualization. For this purpose we organized and adjusted some Rorschach analysis procedures, based on the assumptions set: *failures in the internalization of the α function; failures in the container-contained relationship; α function in reversal; frustration intolerance, bonds attack*. The results showed the extreme sensitivity of the instrument to disturbances of thought processes, particularly related to the inability to think and symbolize the fragility of the boundaries, the use of pathological *projective identification*, escape from reality, intolerance to the empty space left by the absence of the *continent* and the bizarreness of thought.

Key-Words: Bion; Rorschach; Psychosis; Thought Development; Functions.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	VII
O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO .....	1
As Concepções Bionianas .....	3
O Espaço Psíquico .....	15
OBJETIVO.....	20
METODOLOGIA.....	23
Instrumentos.....	23
As Qualidades Percetivas e Projetivas do Rorschach.....	24
O Processo-resposta Rorschach.....	29
O Material .....	31
PROCEDIMENTOS.....	33
Procedimentos de Análise Rorschach .....	33
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS RORSCHACH .....	43
Análise Cartão a Cartão .....	43
Análise do Psicograma .....	52
DISCUSSÃO .....	56
CONCLUSÃO .....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	67
ANEXOS .....	70
Anexo A – Protocolo Rorschach.....	71
Anexo B – Tabela 1. Procedimentos de análise da psicose no Rorschach ....	76

## INTRODUÇÃO

*“Tenta, querido leitor, tenta penetrar no reino das fadas, cheio de maravilhas, reino onde só de olhá-lo acordam em nós a mais alta delícia e o mais profundo horror; sim, reino onde a grave deusa ergue o véu para lhe podermos contemplar a face... Neste reino, aberto pela fantasia em sonhos, procuras tu, ó bom leitor, reconhecer as figuras tuas íntimas que vagueiam em torno de ti na existência banal. Acreditarás então como está bem mais perto de ti do que pensas esse reino maravilhoso, que desejo possas conhecer...”* Hoffmann, in *O Vaso de Ouro*

Foi o trabalho com psicóticos que desencadeou em nós o interesse em compreender os processos psíquicos fundamentais que determinam, contribuem e condicionam o desenvolvimento da psique. Foi esta experiência que nos fez perceber que o reino da “loucura”, tão assustador para a maioria de nós, afinal não está assim tão longe, não é assim tão estranho, apenas se desenrola numa dimensão onde não existe delimitação entre o mundo interno e o externo, onde a fantasia se confunde com a realidade, fantasia que pode ter tanto de assustadora como de maravilhosa. Se nos permitirmos viajar pelo seu mundo fantástico, à semelhança de Hoffmann, talvez até cheguemos a invejar o personagem do seu livro, por este viver no seio da poesia e viver uma experiência única e maravilhosa através dos delírios, das alienações e das falsas percepções, que tanto o afastam da realidade como o mantêm preso a algo que o impede de ceder ao *vazio* interno e de cair no que de mais assustador existe, o *buraco-negro*.

Talvez a melhor maneira de compreender a psicose seja então aceitar o convite para entrar no seu mundo, pondo à prova os limites da realidade e da irrealidade, utilizando para isso a nossa própria subjetividade. Para responder a este desafio escolhemos as teorias bionianas como referência, não só pelo nosso interesse pelas teorias psicanalíticas, no desenvolvimento das quais Bion teve uma importante participação, como também pelo facto de se tratar de um autor que dedicou grande parte do seu trabalho a doentes psicóticos. Bion passou a sua vida a tentar dar sentido às experiências humanas no geral e a compreender a psicose em particular. Ele teria sido impulsionado não só pelo desejo, mas também pelas suas próprias memórias traumáticas que não conseguia sepultar. A sua experiência pessoal (por exemplo, a sua participação na Primeira Guerra Mundial) levou-o a procurar, em múltiplas disciplinas, respostas para compreender o comportamento humano, passando pela história, literatura, psiquiatria,

psicanálise, filosofia, matemática e outras. Foi, no entanto, no seu papel de psicanalista, que desenvolveu um longo e importante trabalho na área. Construiu modelos distintos que permitiriam variados vértices de observação e compreensão do psiquismo humano, tendo como principais fontes de inspiração Freud e Klein. O resultado do seu trabalho foi um riquíssimo contributo para a compreensão do desenvolvimento do pensamento humano e, em particular, para a compreensão da psicose (Wieland, 2013).

Começamos, então, por uma incursão pela teoria do pensamento de Bion, no sentido de compreender o processo de desenvolvimento da psique em condições normais, para depois encontrarmos nas vicissitudes deste processo, bases para o surgimento da psicose. Neste percurso passaremos por alguns dos teóricos que inspiraram o autor, como Freud e Klein e por alguns dos autores que trabalharam sobre as suas teorias, tais como Grotstein e Meltzer.

Procuramos assim respostas para perguntas tais como: Como é que se atribui sentido e significado a algo que a mente não consegue elaborar? Como é que se torna suportável o insuportável? De que depende a maior ou menor tolerabilidade à dor que resulta da intolerância à frustração? Como é que estes e outros aspetos contribuem para o desenvolvimento da psicose?

Como veremos, é na relação com o meio que a mente se desenvolve, sendo a mãe o seu principal representante. Como cuidador preferencial do bebé é da mãe que se espera a sensibilidade necessária, possível graças à sua capacidade de *rêverie*, para, através da relação *contínente-conteúdo*, receber, conter, compreender e transformar as angústias do bebé, utilizando a *função  $\alpha$* . Será então, por meio da vivência de experiências positivas, que a mãe irá transmitir ao seu bebé todas as *funções* de que este precisa para que o seu aparelho mental, a que Bion chama *aparelho para pensar os pensamentos*, se possa desenvolver sem grandes sobressaltos. Como veremos, da aquisição destas *funções*, dependerá o desenvolvimento do pensamento e da personalidade (1962/1991c).

Com este trabalho sobre a psicose, pretendemos estudar alguns processos psíquicos fundamentais que condicionam o pensamento e acabam por caracterizar e definir o modo de funcionamento psicótico, tendo por base a teoria do pensamento de Bion. A pertinência do nosso estudo deve-se ao facto de desconhecermos a existência de literatura que estabeleça o encontro entre as conceções bionianas e a técnica Rorschach no estudo da psicose. O Rorschach, enquanto instrumento de investigação, permite-nos conhecer a natureza dos processos mentais que estão na base das ligações e transformações expressas através da relação entre o sujeito e

situação projetiva, identificar o modo de funcionamento mental do sujeito e aceder à sua realidade psicológica (Marques, 1999).

Acreditando que as conceções teóricas de Bion podem enriquecer a técnica Rorschach, propomo-nos a organizar e adaptar ao estudo da psicose alguns procedimentos já definidos e utilizados em trabalhos recentes, desenvolvidos em Portugal (Deus, 2012; Fonseca, 2012; Gavancha, 2003/2005; Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009; Nascimento, 2005; Marques, 1999; Nascimento, 2005; Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009; Soares, 2007; Tröger & Pinheiro, 2009). O nosso objetivo principal não é desenvolver novos procedimentos técnicos mas, se possível, introduzir ligeiras alterações no instrumento, desenvolvendo assim as suas potencialidades.

Deste modo, apresentamos uma revisão teórica sobre a psicose, tendo por base a teoria do pensamento e os modelos conceptuais de Bion, que pretendem explicitar os processos de desenvolvimento do pensamento. Acedemos ainda brevemente às questões da *dimensionalidade psíquica* e às noções de *vazio*, como forma de facilitar a compreensão da psicose. De seguida caracterizamos o método Rorschach e apresentamos os procedimentos que propomos para uma análise formal e do conteúdo simbólico do protocolo. Por fim apresentamos a análise e interpretação do protocolo, de acordo com os procedimentos definidos, seguida da discussão e reflexão final resultante da realização deste trabalho.

## O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO

Com base na sua experiência com pacientes psicóticos, Bion desenvolveu modelos e uma teoria original sobre a formação dos pensamentos. Dada a sua formação psicanalítica, Freud e Klein seriam figuras incontornáveis para o autor. Vejamos então alguns dos conceitos fundamentais destes autores que estiveram na base do desenvolvimento da teoria do pensamento de Bion.

No seu estudo sobre a gênese dos pensamentos, Bion fundamentou-se no conceito de *aparelho mental* e na distinção freudiana entre o *princípio do prazer* e o *princípio da realidade*. No que toca ao *aparelho mental*, Freud destacou a importância dos órgãos dos sentidos que estão direcionados para o mundo externo e da “consciência” associada a estes órgãos. Esta “consciência” rudimentar explora o mundo externo à procura de informação sensorial, desenvolve a *atenção* como forma de encontrar esta informação sensorial a meio caminho e promove a *notação* como uma forma de memória rudimentar (Wieland, 2013).

Por outro lado, Freud diz que “as excitações sensoriais tendem a transformar-se em dor quando os estímulos se intensificam” (cit. por Fleming, 2003, p. 42) e fala da necessidade de “livrar o aparelho mental do acúmulo de estímulos” (cit. por Bion, 1957/1991a, p. 78). Bion considera que os órgãos dos sentidos são o meio pelo qual o sujeito recebe os estímulos do mundo externo e que o excesso de excitações sensoriais associado ao fracasso da sua descarga coloca em risco de implosão as estruturas e o espaço de contenção do aparelho psíquico.

Bion realçou a importância do meio envolvente e dos cuidados prestados ao bebé, para o desenvolvimento do aparelho psíquico. Para Freud, o meio representado pelo cuidador vai providenciar aquilo a que chamou “experiências de satisfação” ou de insatisfação, dependendo da qualidade dos cuidados prestados. Para que as experiências possam ser de satisfação é necessário que exista “compreensão mútua” entre o bebé e o cuidador.

No que diz respeito aos princípios do prazer e da realidade, Freud estabelece a ligação entre “o domínio do princípio da realidade na vida mental e o desenvolvimento do pensamento e da capacidade para pensar, como forma de transformar o vazio criado pela frustração do desejo” e “a relação entre o desenvolvimento do pensamento e a tolerância à frustração” (cit. por Fleming, 2003, p. 46). Bion vem desenvolver estas relações, clarificando as questões acerca da capacidade de tolerância à frustração e como esta se relaciona com o desenvolvimento do

pensamento. O autor refere que “a incapacidade para tolerar a frustração inclina a balança no sentido da fuga da frustração. O resultado é um afastamento significativo dos eventos que Freud descreve como característicos do pensamento na fase do predomínio do princípio da realidade... consequentemente, o desenvolvimento de um aparelho para pensar fica perturbado...” (Bion, 1962/1991c, p. 187).

Relativamente à psicose, Bion apresenta a fragmentação e a projeção do aparelho mental como uma retirada da realidade conforme sugerida por Freud. Para o autor, o ego do psicótico nunca se retira completamente da realidade, mas o seu contacto com a realidade é mascarado por uma fantasia onipotente cuja função é criar um estado que nem é vida nem morte. O facto de Bion defender a existência de uma parte psicótica e uma parte não-psicótica da personalidade implica uma divisão do ego, nos termos de Freud, ao mesmo tempo que assegura o contacto com a realidade, mesmo na psicose (Wieland, 2013). Na verdade, nem mesmo Freud considerava que o psicótico se retira completamente da realidade.

As referências a Melanie Klein nas obras de Bion são inúmeras. Para explicar o processo de desenvolvimento psíquico, Bion partiu dos conceitos de *posição esquizo-paranóide* e de *posição depressiva* que Klein associou aos primeiros meses de vida do bebé.

Klein concebe a *posição esquizo-paranóide* como uma tentativa por parte da mente para se desviar da pulsão de morte, no sentido de evitar a experiência de fragmentação da própria mente, utilizando para isso a clivagem do ego. Como resultado desta clivagem, os sentimentos tornam-se extremamente bons ou extremamente maus. O ego defende-se destes sentimentos maus colocando-os fora de si, através da utilização da *identificação projetiva* (Fleming, 2003). Klein considera a *identificação projetiva* como uma defesa que o bebé utiliza porque acredita que pode colocar fora de si os objetos maus. Diz Bion, que quando o psicótico se encontra na fase *esquizo-paranóide*, “cinde seus objetos e, ao mesmo tempo, toda aquela parte da personalidade que o levaria a tomar conhecimento da realidade que ele odeia, em fragmentos excessivamente diminutos...” (Bion, 1957/1991a, p. 72). É assim que se dá a fragmentação da mente que a própria mente procura evitar.

Klein fala das fantasias do bebé, de ataques sádicos ao *seio*, que Bion utiliza como “protótipo de todos os ataques a objetos que sirvam de elo de ligação”. Bion refere que estes ataques têm origem na fase *esquizo-paranóide* (Bion, 1959/1991b, p. 95).

Quanto à *posição depressiva*, Klein defende que se organiza quando o bebê começa a experienciar a mãe como um objeto total, que pode protegê-lo e aliviá-lo dos seus medos persecutórios (Fleming, 2003). É nesta fase que surge a mãe *contínente* de Bion, que só pode existir enquanto objeto total. Bion, à semelhança de Klein, defende que a introjeção do *contínente* (bom objeto) é fundamental para o desenvolvimento do aparelho mental, constitutivo do ego. Há, contudo, que referir uma mudança quanto à dinâmica entre a posição *esquizo-paranóide* e a *posição depressiva*. Klein considera que o bebê evolui da primeira para a segunda num movimento unidirecional, enquanto para Bion, o processo de pensar faz-se através de um movimento oscilante entre as duas, representado pelo símbolo  $Ps \leftrightarrow D$ . É este movimento  $Ps \leftrightarrow D$  que permite o desenvolvimento do pensamento, sem o qual, o sujeito não pode aceder ao conhecimento. Para o autor, a interação dinâmica  $Ps \leftrightarrow D$  acompanha o sujeito ao longo da vida, pois pensar implica a passagem de um estado caótico de dispersão (Ps), para um estado coerente de integração (D), que possibilita o crescimento mental através da *função  $\alpha$*  e da *função simbólica* (Symington & Symington, 1999).

Um dos principais contributos de Klein foi o conceito de *identificação projetiva*. Este é um mecanismo de defesa cuja função é aliviar o ego das suas partes más. Bion desenvolve o conceito de *identificação projetiva* normal e acrescenta que é a impossibilidade de utilização deste mecanismo, como meio privilegiado de comunicação com a mãe, que “leva a uma destruição do elo de ligação entre o bebê e o seio e, conseqüentemente, a uma grave perturbação do impulso para ser curioso, do qual depende toda a aprendizagem” (Bion, 1959/1991b, p. 106). O alargamento do conceito de *identificação projetiva* acabaria por estar na base da formulação do conceito *contínente-conteúdo*.

### **As Conceções Bionianas**

Bion, em *Uma Teoria do Pensar* (1962/1991c), considera o pensar como um processo que depende do desenvolvimento dos próprios pensamentos e do desenvolvimento do aparelho, que tem que ser criado, para dar conta dos pensamentos – *aparelho para pensar os pensamentos*. Esta teoria é semelhante à teoria do *aparelho mental* de Freud, para quem este se desenvolve com base nas exigências da realidade. Contudo, para Bion, o aparelho mental não se forma

apenas com base nas exigências da realidade, mas também através de outra mente capaz de receber e suportar a realidade.

Assim, para compreendermos a teoria do pensamento, temos em consideração que Bion (à semelhança de autores como Ogden) partiu do princípio de que o bebê, no início da vida, precisa de uma outra mente para desenvolver o aparelho para pensar. Este papel será normalmente assumido pela mãe (ou por outro objeto que desempenhe a função materna) que deverá ser capaz de desempenhar um conjunto de funções cuja repetição conduzirá à aquisição das mesmas pelo bebê. Será portanto, através da relação precoce com a mãe, que o bebê irá desenvolver as capacidades necessárias para o desenvolvimento do seu psiquismo (Ferro, 2005).

Segundo Bion, a função mais básica do pensamento é a *função  $\alpha$* , que constitui o primeiro passo do funcionamento mental. A *função  $\alpha$*  converte aquilo a que chamou *elementos  $\beta$*  em *elementos  $\alpha$* , isto é, “transforma as impressões sensíveis em elementos que se armazenam” (Bion, 1991, p. 13). Os *elementos  $\beta$*  são portanto, de uma forma genérica, os elementos, não processados, mais básicos da mente, provenientes das experiências sensoriais (com origem em fontes internas ou externas) que em conjunto com a experiência emocional resultante, deverão ser transformados pelo processo da *função  $\alpha$*  em *elementos  $\alpha$* , eles próprios elementos primitivos do pensamento, mas que, ao contrário dos *elementos  $\beta$* , são suscetíveis de serem armazenados pela memória e posteriormente utilizados nos pensamentos dos sonhos e no pensamento vígil inconsciente.

Numa fase precoce da vida, o bebê não tem a capacidade para tolerar e transformar as suas próprias impressões sensoriais e experiências emocionais, vividas como caos, pelo que as evacua para a mente da mãe. Acreditando que pode pôr fora de si o impensável, coloca dentro da mãe os *elementos  $\beta$* , através da *identificação projetiva*, para que esta, através da *função  $\alpha$*  os receba, tolere, processe e devolva de uma forma transformada, passível de ser pensada, juntamente com a própria capacidade de transformação. Se tudo correr normalmente é, através da experiência ou da repetição, que a *função  $\alpha$*  vai sendo, como que, absorvida pela mente e integrada no aparelho para pensar. Assim, a introjeção da *função  $\alpha$*  constitui o passo mais importante para o desenvolvimento do pensamento, configurando contudo apenas a base deste processo (Ferro, 2005; Symington & Symington, 1999).

Entretanto, como referimos, desta troca resultam os *elementos  $\alpha$* . Estes estão na base do pensamento, uma vez que “estão aptos a ser pensados, mas ainda não estão a ser pensados”

(Amaral Dias, 2004, p. 67). Os *elementos  $\alpha$*  são os *elementos  $\beta$*  predominantemente transformados em imagens visuais (mas também em esquemas auditivos, olfativos, etc.) que são utilizados pela mente para a formação de sonhos, recordações e para as funções de simbolizar e de pensar. Na perspectiva de Bion, a “formação de símbolos” está ligada à *função  $\alpha$* . É através desta que o sujeito pode transformar uma experiência emocional vivida como caos em *elementos  $\alpha$*  que podem ser usados em pensamentos.

Ferro diz que os *elementos  $\alpha$*  são imagens que não podem ser diretamente conhecidas, sendo que uma sequência destes elementos forma um filme. “Este filme produzido pela função alfa terá que se submeter a outras operações de forma a atingir o status de pensamento e imagem narrativa e, por conseguinte, de discurso interno partilhável... estas operações são ligadas ao desenvolvimento do continente-conteúdo” (Ferro, 2005, p. 2).

Os *elementos  $\alpha$* , quando combinados e ligados, formam a *barreira de contacto* que exerce a função de demarcar o contacto, separação e intercâmbio, entre o consciente e o inconsciente, garantindo que um não é invadido pelo outro, como um semáforo que regula o trânsito entre o consciente e o inconsciente, definindo o que passa e quando passa. O mesmo acontece entre o mundo real externo e interno e entre a fantasia e a realidade. Bion diz que o “sonho cria uma barreira contra fenómenos mentais que poderiam comprometer a percepção... e ao mesmo tempo impede que a percepção invada as fantasias... a capacidade para sonhar preserva a personalidade daquilo que virtualmente se considera um estado psicótico” (Bion, 1962/2003, pp. 15-16). Os *elementos  $\alpha$*  permanecem portanto no inconsciente, disponíveis para serem integrados na narrativa do sonho ou no pensamento vígil inconsciente, prontos para serem conhecidos através dos derivados da sua narrativa, sobre os quais atua a *função continente*.

A fim de serem transformados pela *função  $\alpha$* , os *elementos  $\beta$*  são colocados na mãe porque o bebé acredita que se pode ver livre deles por evacuação, utilizando para o efeito a *identificação projetiva*. Klein, autora a quem se deve o conceito, diz tratar-se de um mecanismo de defesa usado pelo bebé nos primeiros meses de vida, que “consiste numa fantasia onipotente de que partes indesejáveis da personalidade e objetos internos podem ser clivados, projetados e controlados no objeto, dentro do qual foram projetados”. A sua função é aliviar o ego das suas partes más e preservar as partes boas, protegendo-as por exemplo de um mundo interno mau (Grinberg, Sor, & De Bianchedi, 1974, p. 3).

Bion, partindo “do pressuposto de que existe um grau normal de identificação projetiva... e de que associada à identificação projetiva, a identificação introjetiva constitui a base sobre a

qual repousa o desenvolvimento normal” (1959/1991b, p.103), acrescentou que a *identificação projetiva*, enquanto mecanismo precoce do funcionamento psíquico, seria assim a forma do bebê comunicar com a mãe (como recetor, ou *continente*). Este modelo de comunicação pela *identificação projetiva* pressupõe que exista um *continente* disponível e flexível, capaz de receber, conter e dar significado a toda e qualquer espécie de *conteúdo*. É importante deixar claro, neste ponto, que Bion utiliza aqui o conceito de *identificação projetiva* enquanto mecanismo de comunicação normal e não patológico que, ao contrário de Klein, não inclui uma dimensão de controlo sobre o objeto.

Por meio da relação *continente-conteúdo*, o bebê projeta um *conteúdo* que não pode assimilar. Diz Bion que “o bebê projeta no continente o elemento  $\beta$ , isto é, o medo de estar morrendo, recebe-o de modo desintoxicado, ou seja, modificado pelo continente... sob a forma aceitável do aspeto positivo” (Bion, 1991, p. 37). Se a mãe é, como lhe chamou Winnicott, uma “mãe suficientemente boa”, flexível e capaz daquilo a que Bion chamou de *rêverie*, pode aceitar e transformar (através de *função  $\alpha$* ) os conteúdos projetados numa forma tolerável de modo a que o bebê as consiga introjetar. A capacidade de *rêverie* é, no fundo, a disposição mental que permite que a mãe, qual *continente*, receba quaisquer objetos (bons ou maus), que seja capaz de os tolerar, transformar e devolver. Deve ser capaz ainda de transmitir o método para o bebê o passar a fazer por si (*função  $\alpha$* ). Segundo Grotstein (1986), este modelo “projeção-contenção-ação” pensada, constitui as origens do pensamento normal, e é geralmente internalizado pelo bebê. A capacidade de *rêverie* pressupõe ainda que a mãe seja capaz de identificar as necessidades do bebê e de dar-lhes a resposta adequada, controlando assim as suas ansiedades.

Bion fala da importância que a tolerância da ausência do objeto tem na formação do pensamento pois, se o objeto for presente, é na sua ausência que o pensamento se transforma na ponte que anula o hiato criado entre o sujeito e o objeto. A capacidade de tolerar a ausência depende, contudo, da capacidade de tolerar a frustração que se desenvolve na relação com o *seio* (Wieland, 2013).

A relação com o *seio* surge, em Bion, associada ao modelo do desenvolvimento do conhecimento. Bion (1962/1991c) classifica os pensamentos de acordo com a sua ordem evolutiva: preconceções, conceções (ou pensamentos) e conceitos. Os conceitos são pensamentos fixos que podem ser nomeados, as conceções iniciam-se através da conjunção de uma preconceção com uma realização e as preconceções, algo análogo aos ‘pensamentos vazios’ de Kant, correspondem à expectativa inata de um objeto (o *seio*). Tomando por base o

modelo do vínculo do bebê, em que este tem a preconcepção do *seio* que alimenta (mãe que amamenta), Bion diz que “quando o bebê é posto em contato com o próprio seio, associa-se com a consciência da realização e é sincrônica ao desenvolvimento de uma concepção... espera-se, portanto, que as concepções estejam constantemente associadas a uma vivência emocional de satisfação” (op. cit., p.186). As “realizações” consistem em experiências emocionais vividas pelo bebê. A “realização” pode portanto ser positiva se a experiência é de satisfação, se o objeto de que o bebê precisa está presente e responde às necessidades do bebê, ou pode ser negativa quando o objeto está ausente e é vivenciado como um *não-seio*. “O próximo passo depende da capacidade do bebê para tolerar a frustração: em particular depende de que a decisão seja fugir da frustração ou modificá-la” (op. cit. 186).

Se a capacidade inata para tolerar a frustração (realização negativa) for suficiente, “o ‘não-seio’ no interior torna-se um pensamento e desenvolve-se um aparelho para pensá-lo” (op. cit. 186). Isto é, desenvolve-se a capacidade para perceber que a frustração acontece porque existe um objeto que está ausente embora possa voltar. Segundo o autor, a capacidade para pensar e assim transpor o hiato da frustração entre o momento em que a necessidade é sentida e o momento da sua realização, é concomitante com o princípio da realidade de Freud.

Se, por outro lado, a capacidade para tolerar a frustração for insuficiente, “a experiência de ‘não-seio’ não se desenvolve num pensamento de um ‘seio bom ausente’; ela existe como um ‘seio mau presente’ que é sentido como um objeto mau concreto do qual é preciso se livrar através da evacuação, isto é, por projeção, onipotente” (Bion, 1959/1991b, p. 162). Neste caso, em que a presença dentro de si de um *seio* ausente é sentida como algo frustrante e cruel, surge uma crença que substitui o lugar onde um pensamento “poderia ter estado”, provocando um afastamento ou fuga do que poderia conduzir ao princípio da realidade. Então, “o que deveria ser um pensamento... torna-se um objeto mau, indistinguível de uma coisa em si mesma, que se presta apenas à evacuação” (Bion, 1962/1991c, p. 187). Portanto, quando o *não-seio* é pensado como frustrante, o pensamento torna-se igual à *coisa-em-si-mesma*, ao “mau-objeto” ou a um *protopensamento* que tem que ser evacuado. O desenvolvimento do aparelho para pensar fica comprometido e os pensamentos têm que ser também evacuados porque não são distinguíveis dos objetos internos maus.

Podemos assim dizer que a capacidade de tolerância à frustração gera/permite modificação no sentido da admissão da realidade (ainda que esta represente uma experiência emocional dolorosa) conquanto uma insuficiente tolerância à frustração conduz à fuga da

realidade, no sentido da adulteração da mesma. Contudo, tanto a modificação como a fuga, são formas de lidar com a dor psíquica numa tentativa de a remover (Fleming, 2003).

Fleming refere que a dor psíquica surge muito cedo na vida, quando o bebé ainda não tem as ferramentas para a pensar. Ao mesmo tempo que pode ter um papel protetor, quando o bebé consegue aprender a lidar com ela, a dor pode ser “sem sentido e intolerável, arranca o ser à sua existência, retira o sentido da vida e é a própria vida que é intolerável” (Fleming, 2003, p. 23). É por isso que o bebé precisa de ser contido, que precisa de um outro que torne suportável a sua dor.

A autora fala desta dor como um fator transversal a todas as patologias, mas é clara ao dizer que nos pacientes com patologia psicótica grave há uma quantidade de dor e uma concomitante intolerabilidade a ela, que ameaça a sua mente de fragmentação. O próprio Bion disse que “estes pacientes não podem suportar a dor. Por outras palavras, eles sentem-na mas não podem sofrê-la” (cit. por Fleming, 2003, p. 90). A capacidade de tolerar a dor mental faz parte do aparelho psíquico. Surge ao mesmo nível da capacidade de tolerar a frustração, já que a frustração pela não-realização implica a dor de uma ausência, uma dor que se pode tornar insuportável. Assim, a tolerância à dor depende dos seguintes fatores: “de uma disposição inata, da qualidade e predominância do vínculo que une o sujeito ao objeto, mas também e basicamente de duas funções da personalidade: da função continente, uma função que assegura a capacidade de conter no espaço mental as emoções dolorosas e a capacidade de não as libertar e da função alfa” (Fleming, 2003, p. 146). A incapacidade de transformar as emoções dolorosas e intoleráveis em emoções toleráveis resulta de falhas que ocorrem no desenvolvimento do aparelho mental. Estas podem estar relacionadas com a qualidade das relações precoces, isto é, dos vínculos que o bebé estabelece.

Para Bion, quando existe uma relação entre duas pessoas ou entre uma pessoa e um objeto, é criada uma relação emocional, um vínculo. Em *Learning from Experience* (1962/2003) considera que as experiências emocionais não podem existir sem ser na relação entre duas pessoas e que existem três vínculos intrínsecos à relação que agrupam todos os fatores emocionais possíveis. Estes são os vínculos amor (L de *love*), ódio (H de *hate*), conhecimento (K de *knowledge*) e os respetivos negativos (representados por -L, -H e -K). O desenvolvimento da personalidade dependerá da possibilidade que o bebé tem de estabelecer vínculos de amor, ódio e conhecimento com os objetos e consigo próprio (Delgado, 2006).

Como sabemos, o predomínio do ódio e da inveja conduz à destruição da *função a* impedindo assim a transformação da dor mental.

Os três vínculos *L*, *H* e *K* dependem principalmente da capacidade de *rêverie* da mãe, que irá ditar a possibilidade da criança aprender com a experiência das realizações positivas e negativas que resultam das privações e frustrações. Se essa aprendizagem for possível, a criança irá introjetar a *função K* da mãe – cria-se a via para o conhecimento. Contudo, se a capacidade de *rêverie* da mãe for insuficiente para conter a angústia do filho (se não se desenvolver uma relação *contínente-conteúdo* significativa) o bebê vai entrar num ciclo vicioso de projeções de elementos que retornam a si sob a forma de “terror sem nome”, que por sua vez vão gerando mais e mais angústias e ódio, dando origem à formação de um vínculo  $-K$ . O recurso cada vez mais intenso à *identificação projetiva* acaba por provocar um esvaziamento progressivo das capacidades do ego: perceber, pensar e conhecer (Zimmerman, 1995).

O vínculo *K* é aquele através do qual o sujeito procura conhecer um objeto que se presta a ser conhecido ou procura conhecer a verdade sobre si próprio. Bion declara que o homem necessita de verdade, como o seu corpo necessita de alimento. Logo, a procura de verdade ou de conhecimento é uma das suas primeiras forças impulsivas – pulsão epistemofílica. Contudo, este processo de busca da verdade pode ser doloroso, gerando uma tendência para evitar o sofrimento que acompanha a necessidade de conhecimento, a menos que esta verdade original (*O*) seja transformada de forma a poder ser tolerada. Sendo assim, pode dizer-se que  $-K$  (forma inversa do conhecimento) pode constituir uma forma de evitar a dor associada às verdades intoleráveis, conduzindo a uma não verdade ou à mentira (Bion, 1962/2003). Quando o ego não quer conhecer a verdade, constrói uma estrutura falsa, substituindo a *função K* “pela onipotência e pela omnisciência arrogante, uma curiosidade intrusiva e sádica, uma estupidificação da inteligência, e pela formação de um superego que cria e impõe aos outros a sua própria moral e ética – ataques contra a busca da verdade” (Zimmerman, 1995, p. 113).

No seu artigo *Diferenciação entre a Personalidade Psicótica e a Personalidade Não-Psicótica* (1957/1991a), Bion defende que todas as personalidades têm uma parte psicótica e uma parte não-psicótica.. Na psicose a parte psicótica domina e obscurece a parte não-psicótica. O autor atribui a formação da personalidade psicótica a uma predisposição inata para a sua formação e a um ambiente adverso, em que a mãe falha em aceitar, conter e transformar os conteúdos do seu bebê. Assim, a diferenciação entre a parte psicótica e a parte não-psicótica da personalidade ocorre muito cedo, no início da vida.

Podemos então dizer que havendo uma impossibilidade de conter e transformar a dor mental, de lhe dar sentido e de a tolerar, a parte psicótica da personalidade sobrepõe-se à parte não-psicótica, atacando o aparelho mental e conseqüentemente todos os vínculos que o possam tornar consciente da realidade psíquica e da realidade externa que lhe causam dor. Isto significa que se torna impossível aceder à verdade, ao conhecimento de si próprio e dos objetos reais, que está contida em *O*. Segundo Zimerman (1995, p.61), *O* “designa uma ponte de origem de uma verdade que não se consegue conhecer, a não ser através de produtos das suas transformações”. As transformações bionianas de *O* (*elementos β*) dependem da atividade do *continente-conteúdo*, do uso de *rêverie*, da ação da *função α*, dos vínculos *L*, *H* e *K* e da relação oscilante *Ps↔D* (Bion, 1984). Grotstein ilustra da seguinte forma:

“...a mãe contém o medo de morrer de seu bebê... isto significa que o bebê teme morrer devido à ativação espontânea de seu instinto de morte, que é automaticamente introduzido em operação por sua confrontação inicial de experiências com ‘O’. Um dos efeitos da contenção maternal da ansiedade do bebê é: se ‘O’ está OK com a mãe, então ele pode ter fé que ele, por fim, estará OK com ele mesmo. Enquanto isto, o bebê deve confiar que a mãe reprimirá aqueles aspetos de ‘O’ para os quais ele ainda não se sente pronto para aceitar de volta da mãe neste tempo. O retorno de ‘O’ deve esperar o amadurecimento e desenvolvimento do bebê, em cujo tempo ele se torna experiente para o ‘retorno do reprimido’” (Grotstein, 2003, p. 389).

Segundo o autor, *O* evolui, mas o indivíduo tem que ser capaz de atingir a maturidade e o desenvolvimento para o assimilar. Isto implica a internalização da mãe como *continente*. Se a revelação de *O* for prematura pode provocar uma avalanche de *coisas-em-si*, um estado catastrófico.

Muitos autores, antes e depois de Bion, têm defendido que o desenvolvimento do psiquismo humano depende em muito da relação precoce mãe-bebê. Parece ser um facto que as vicissitudes que ocorrem nesta relação, ou na relação com os objetos primários, poderão estar na origem da patologia psicótica. Falando de diferentes níveis de patologia, Ferro (2005;2006) apresenta-nos varias possibilidades. Diz-nos que existe um nível mais grave que resulta da falha da *função α*, isto é, da incapacidade de transformação dos *elementos β* em *elementos α*. Esta incapacidade por parte da mãe pode acontecer porque ela não a tem ou porque algo impossibilita a sua utilização. O facto é que, esta incapacidade irá dar origem à ausência ou desenvolvimento inadequado da *função α* do bebê, o que implica a falha na introjeção dos instrumentos para o

manejamento básico da vida psíquica e para o desenvolvimento da capacidade de sonhar. Isto quer dizer que há uma impossibilidade de transformar os *elementos*  $\beta$  restando apenas a opção de os evacuar, como *coisas-em-si-mesmas*, através da *identificação projetiva* que, como se sabe, é um mecanismo predominante na psicose. Segundo Symington e Symington (1999) é por isso que o psicótico utiliza as palavras como se fossem idênticas à *coisa-em-si-mesma*.

Ferro (2005;2006) aponta uma segunda falha que pode ocorrer ao nível da *função continente*. Neste caso, os conteúdos do filho são recebidos de forma inapropriada, insuficiente ou frágil pela mãe que, desta forma, não permite que o bebé aprenda com a experiência satisfatória da relação *continente-conteúdo* e, por sua vez, introjete a *função continente* que lhe permitiria comportar os seus próprios conteúdos psíquicos. A este nível os *elementos*  $\alpha$  até se chegam a formar, mas o aparelho para os processar é deficiente e estes não podem vir a ser utilizados, pelo sonho ou pelo pensamento vígil inconsciente, na construção de narrativas.

Pode ainda dar-se a inversão da *função*  $\alpha$ . Esta acontece quando o mecanismo *continente-conteúdo* funciona para destruir o sentido atribuído às experiências emocionais em vez de promover o crescimento mútuo. Nesse caso, os *elementos*  $\alpha$  já formados, transformam-se em algo semelhante a *elementos*  $\beta$ , acrescidos de aspetos da personalidade reintrojados, que podem ser ameaçadores, e de partes do objeto, dando lugar a *objetos bizarros*. Isto significa que os *elementos*  $\alpha$ , pela inversão da *função*  $\alpha$ , podem ser transformados em algo bizarro e atacante, o que leva o sujeito a recear o aniquilamento. A inversão da *função*  $\alpha$  transforma a *barreira de contacto*, que permite a diferenciação entre o consciente e o inconsciente, numa barreira composta de *elementos*  $\beta$  que é geradora de confusão - *tela*  $\beta$ . A *função*  $\alpha$  é destruída e a *barreira de contacto* dispersa, dando lugar a um estado mental confuso, com desorganização do pensamento e do discurso. Os *elementos*  $\beta$  fogem então ao controlo do pensamento e apresentam-se à perceção sob a forma de delírio ou de alucinação (Fabião, 2007; Symington & Symington, 1999).

Por fim, Ferro (2005;2006) refere um nível de patologia menos grave em que a *função*  $\alpha$  e a *função continente* estão presentes, mas existe um excesso de *elementos*  $\beta$  que não podem ser transformados e que se acumulam em “factos não digeridos” que ficam enquistados à espera de ser pensados e transformados, ou então de serem evacuados. Este excesso de *elementos*  $\beta$  surge perante uma situação traumática que pode acontecer em qualquer fase da vida e, em situações mais graves, pode romper a barreira de proteção (*barreira de contacto*), substituindo-a pela *tela*  $\beta$ . Pensamos que isto é o que pode acontecer, por exemplo, numa situação extrema

de guerra. Uma situação traumática pode causar um bloqueio do pensamento, levando o sujeito a perder a capacidade de pensar. Este bloqueio, causado por um acúmulo de *elementos β*, gera dor mental que leva o sujeito a atacar o pensamento, bloqueando assim a atividade mental para fugir à realidade que prefere não conhecer (-K).

Como já referimos, o mecanismo de *identificação projetiva* constitui o principal elo de ligação, ou de comunicação, entre o bebê e a mãe (o *seio*). No bebê psicótico, diz Bion, existe uma disposição inata para destruir este elo que deriva do ódio e da inveja que o bebê sente perante a capacidade “que a mãe tem de manter um estado mental confortável, embora experimentando os sentimentos do bebê” (Bion, 1959/1991b, p. 105). Esta disposição inata do bebê, com a pulsão de morte e a inveja, levam-no a atacar tudo o que o liga ao *seio* materno. A juntar a esta disposição inata, podemos ter uma mãe que lhe nega o uso dos mecanismos de *cisão e identificação projetiva*. Perante a angústia de morte sentida pelo bebê, a mãe não permite a entrada dos elementos que o bebê quer que ela introjete através da *identificação projetiva*. A impossibilidade de usar estes mecanismos “leva a uma destruição do elo de ligação entre o bebê e o seio e, conseqüentemente, a uma grave perturbação do impulso para ser curioso, do qual depende toda a aprendizagem... Além disso... a condução da vida, já de si um problema grave, torna-se intolerável” e os sentimentos de ódio voltam-se contra as próprias emoções, contra a realidade externa que as estimula e, em última instância, contra a própria vida (op. cit., p. 106).

Bion (1959/1991b) acrescenta que, na fase *esquizo-paranoide* descrita por Klein (em que o bebê ataca através da sua voracidade o seio da mãe), o psicótico ataca os seus objetos e a parte da personalidade que lhe permitiria ter consciência da realidade que ele odeia, dividindo-a em fragmentos excessivamente pequenos, tornando impossível a reparação dos seus objetos ou do seu ego. As características descritas por Freud, como sendo responsáveis pela resposta ao princípio da realidade, como a consciência das impressões sensoriais, a atenção, a memória, o julgamento e o pensamento, sofrem a experiência de fragmentação (tudo o que possa constituir uma ligação com a realidade tem que ser destruído, incluindo os próprios processos do pensamento) e são expulsos pela *identificação projetiva*, penetrando ou enquistando nos objetos.

O psicótico ataca todos os vínculos que unam qualquer par de forma produtiva, seja ele o vínculo que une a mãe e o seu bebê, o analista e o paciente, as partes internas do *eu* ou a preconcepção e a realização (Symington & Symington, 1999). O vínculo que une a preconcepção e a realização, que conduz ao conhecimento (K), é atacado como forma de evitar o sofrimento

que acompanha o conhecimento de si mesmo, a dor associada às verdades intoleráveis (-K). O ataque ao vínculo do conhecimento impede o desenvolvimento não só do processo que conduz ao conhecimento, mas também impede o desenvolvimento da personalidade.

Delgado (2006) refere que existe ainda a possibilidade de *não-K*, que acontece quando o bebé não tem um objeto externo disponível para receber as suas identificações projetivas e transformá-las em algo mais tolerável. As identificações projetivas contínuas e cada vez mais intensas vão conduzir a um esvaziamento progressivo do ego. A mente deixa de ser capaz de desenvolver pensamentos ou o aparelho para os pensar. Diz o autor que a combinação de fontes internas (-K) e fontes externas (*não-K*), está na origem da psicose.

Quando os vínculos são atacados as ligações são fragmentadas e projetadas para fora, com prejuízo do aparelho mental, das funções do pensamento verbal, de formação de símbolos, do conhecimento e do uso da linguagem. É por isso que a linguagem dos psicóticos se torna confusa. Como não há capacidade para pensar ou para simbolizar, as palavras adquirem uma dimensão concreta, são a *coisa-em-si-mesma* e não aquilo que deveriam apenas designar. São os *elementos  $\beta$* , transformados em *objetos bizarros*, que não podem ser traduzidos porque o psicótico destruiu os vínculos. Por essa razão não consegue introjetá-los adequadamente e só pode trazê-los de volta pela mesma via pela qual os evacuou, através dos órgãos dos sentidos. É assim que se formam os delírios e as alucinações psicóticas (Symington & Symington, 1999).

A parte psicótica da personalidade ataca o aparelho mental devido ao seu ódio pela realidade interna (psíquica) e externa, que se estende a tudo o que contribui para a perceção desta realidade (Bion, 1957/1991a). Como referimos anteriormente, este ataque é tão destrutivo que o aparelho mental é dividido em pequenos fragmentos que são projetados nos objetos e reintrojetados sob a forma de *objetos bizarros* que se tornam persecutórios. A *identificação projetiva* patológica torna-se então cada vez mais intensa criando ruturas no aparelho percetivo e na capacidade de julgamento, sobretudo quando os vínculos de ligação entre os conteúdos mentais (entre si e a realidade exterior) são atacados com ódio (o que resulta numa preferência pelo mundo das ilusões). Podemos assim dizer que a fragmentação e a projeção do aparelho mental estão na base da retirada da realidade conforme sugerida por Freud (Wieland, 2013; Zimmerman, 1995).

Falando sobre a teoria de Freud do *princípio da realidade*, Bion diz que o ego do psicótico nunca se retira completamente da realidade. Nos psicóticos, “o seu contacto com a realidade é mascarado pelo predomínio... de uma fantasia onipotente cujo propósito é o de destruir não

só a realidade mas a percepção dela, e assim atingir um estado que nem é vida nem morte... do facto de que o ego conserva contacto com a realidade depende a existência de uma personalidade não-psicótica paralela à personalidade psicótica, embora obscurecida por esta” (1957/1991a, p. 72). Considerando que todas as personalidades têm uma parte psicótica e uma parte não-psicótica, podemos dizer que o afastamento da realidade depende da intensidade do ataque ao aparelho mental e do seu nível de fragmentação que, quando fortemente mutilado, é incapaz de tomar consciência da realidade.

Fleming acrescenta que a opção de fuga na forma de lidar com a frustração, representa também uma forma de fuga à realidade, que visa evitar uma experiência emocional dolorosa. Diz Bion que a fuga é uma manobra de adulteração da verdade. Quando há uma excessiva intolerância à frustração, o sujeito não é capaz de tolerar a experiência da *não-coisa*, de a nomear e de lhe dar significado. “Se assim for, é a própria realização da “não-coisa” que fica inviabilizada em favor da alucinação” – um afastamento do princípio da realidade, pela distorção da percepção dessa mesma realidade (Fleming, 2003, p. 82).

Para melhor compreendermos a psicose, pensamos ser importante considerar a noção de *superego* em Bion. O conceito de *superego* pertence a Freud. Foi formulado enquanto entidade moral que se opunha aos impulsos sem lei, associado à ansiedade de castração. Mais tarde Klein, mantendo esta dimensão moral, postulou um *superego* severo e cruel, “devido à introjeção dos objetos investidos com o sadismo resultante da projeção dos impulsos sádico-orais e sádico-anais”. Quando o *ego ideal* insiste no alcance de objetivos inalcançáveis, além da frustração, expõe o sujeito à desvalorização do *self* e à crítica e castigo de um *superego* implacável (Ferro, 2005, p. 69).

Bion distingue um *superego* maduro de uma espécie de super *superego*. Para essa diferenciação é de extrema importância a capacidade de *rêverie* da mãe e a qualidade das emoções que permeiam a sua mente quando esta recebe as identificações projetivas do bebé. Se as emoções forem positivas, a introjeção da *função continente-conteúdo* dá lugar ao crescimento mental e ao desenvolvimento de um *superego* maduro. Contudo, se a mente materna estiver impregnada de inveja e ódio (*-continente-conteúdo* ou *-K*), a criança sente-se despojada dos elementos bons projetados, ficando com os maus, isto é, resta-lhe o “terror sem nome”. Em vez das projeções se tornarem toleráveis, através do sentido que lhe é atribuído, o bebé recebe de volta um medo sem sentido e intensificado. Este medo leva-o a recorrer de forma cada vez mais intensa à “identificação projetiva, a qual conduz a um esvaziamento progressivo

das capacidades do ego, de perceber, pensar e conhecer, como também as projeções se fragmentam em múltiplos pedaços menores que são expulsos no ambiente externo sob a forma de ‘objetos bizarros’, os quais o ameaçam de forma persecutória e se manifestam sob a forma de delírios e alucinações” (Zimerman, 1995, p. 113). Portanto, quando não se desenvolve a *função K*, é introjetado “um objeto que exerce a função de um superego severo e destrutivo em relação ao ego” (Bion, 1959/1991b, p. 107).

Assim, podemos concluir que este *superego* de que Bion fala resulta do excesso da *identificação projetiva* e assume uma posição de superioridade destrutiva e persecutória que, não só torna impossível o desenvolvimento normal, como, no limite, impede o sujeito da sua própria existência.

## **O Espaço Psíquico**

A noção de *espaço psíquico* em Bion surge associada aos conceitos de *continente* e *conteúdo*. O autor associou o conceito de *continente* ao materno, à mente que absorve as projeções do bebê e as transforma em algo tolerável. Por outro lado, o *conteúdo* surge associado ao pensamento que precisa de ser contido. Numa primeira fase é a mãe que assegura a função de conter, mas o bebê deverá introjetar a *função continente*, de forma a poder fazê-lo sozinho na sua vida futura. Ao longo da vida a mente gera constantemente pensamentos não-mentalizados (*protopensamentos*), isto é, conteúdos mentais que precisam de ir sendo contidos. Para que isto possa acontecer, deve existir um espaço entre o *conteúdo* mental e o *continente* e um perímetro à sua volta. Segundo Grotstein, “as distâncias espaciais e temporais entre o self e o objeto e entre objeto e objeto constituem, junto com o perímetro, as funções de dimensionalidade no espaço interno... esse espaço é assim uma bancada de trabalho. Sem esse espaço temos a concretude ou mesmo a psicose...” (Grotstein, 2003, p. 153). Este, à semelhança do que acontece com o pensamento, é um espaço que se desenvolve e que permite ao sujeito evoluir de um estado *unidimensional* para um estado *quadridimensional* (Meltzer, 1975/1991).

O espaço construído entre *continente* e *conteúdo* é um espaço construído na ausência. Se o bebê é capaz de tolerar o hiato deixado pela ausência da mãe, quer dizer, se for capaz de tolerar a distância, no espaço e no tempo, entre a partida e o retorno da mãe, o sentido de espaço pode expandir-se possibilitando a representação simbólica. “Sem a separação de tempo e espaço

não pode existir o conceito de espaço psíquico; portanto não há percepção e certamente não haverá representação...” (Grotstein, 2003, p. 155). Se não existir um espaço de diferenciação entre o sujeito e o objeto, não é possível a representação do objeto constituir-se como *continente* para o *self*. Segundo Meltzer, a *unidimensionalidade* é um mundo substancialmente irracional, consonante com o autismo, um mundo em que as experiências não estão disponíveis para a memória ou para o pensamento, um mundo em que o tempo e o espaço não se distinguem (Meltzer, 1975/1991).

É portanto a diferenciação, ainda que rudimentar, entre *self* e objeto, que determina a *bidimensionalidade*. Um plano onde a diferenciação ocorre a um nível superficial (sensorial) e não nas suas qualidades psíquicas de profundidade (Grotstein, 2003; Meltzer, 1975/1991).

Segundo Grotstein (2003), este nível de diferenciação ocorre na *posição esquizo-paranóide* e apenas permite à criança controlar o espaço e o tempo, dado que ainda está num estado de confusão e de fusão com o objeto. Nesta fase, o bebé utiliza a *identificação projetiva* como forma de colocar no objeto os pensamentos que não podem ser pensados. Na passagem para a *posição depressiva*, o *continente* espacial da mente alcança uma outra profundidade, a *tridimensionalidade*. O objeto e o *self* ficam efetivamente separados e os objetos transformam-se em representações destes. De objetos parciais passam a objetos totais. O sujeito entra assim no domínio do simbólico, da representabilidade do objeto e dos pensamentos, adquirindo a *função simbólica*. Na perspetiva de Meltzer (1975/1991), as experiências do *self* que vive num mundo *bidimensional* não podem conduzir à introjeção dos objetos ou à modificação introjetiva dos objetos reais porque estes não estão efetivamente separados. Há uma diferenciação de tempo e de espaço que se mantêm-se estáveis, não estando sujeitos à mudança, pois esta acarreta o risco de fragmentação. Num mundo *tridimensional*, o *self* diferencia-se dos objetos e, por identificação narcísica, passa a conter espaços potenciais e introjeta a *função continente*. “O que era indistinto pode ser diferenciado, clivado, e o mecanismo da identificação projetiva permite a evacuação do ‘mau’ e o retorno do ‘bom’” (Delgado, 2006, p. 136).

A entrada na *quadridimensionalidade* implica a capacidade de utilizar a *identificação introjetiva* como forma de ultrapassar a esfera do narcisismo (Meltzer, 1975/1991). Na *posição depressiva* o bebé internaliza a mãe como *continente* (*tridimensionalidade*) e identifica-se com esta qualidade introjetando-a e adquirindo a capacidade de transformar os seus próprios conteúdos, recorrendo para isso à *função  $\alpha$*  transmitida pela mãe.

Ora, Grotstein refere que sem a existência de um espaço interno, temos a concretude ou mesmo a psicose. Por outro lado o autor refere que o bebê utiliza a *identificação projetiva*, mecanismo privilegiado da psicose, como forma de desfazer a separação já estabelecida entre *self* e objeto, numa fase em que ainda existe uma espécie de fusão entre as duas partes. Isto significa que houve uma evolução em termos da dimensionalidade psíquica que coloca o psicótico ao nível da *bidimensionalidade*. Mas, para o autor, a psicose pode ainda acontecer depois do sujeito ter estado num estado dimensional mais evoluído. Esta situação poderia ocorrer como consequência da inversão da *função  $\alpha$* , que constitui aquilo a que chama de “primeira dimensão negativa”. É algo semelhante às *transformações em alucinoses*, que são “transformações psicóticas em ‘O’”, resultantes de  $-K$ . Então, Grotstein conclui que “a transformação psicótica envolve (1) a ausência da dupla-via, que inclui a terceira dimensão da realidade, e (2) a presença do  $(-K)$ , o conceito de mentira ou delírio, que é uma outra maneira de referirmo-nos à ‘reversão da função alfa’” (Grotstein, 2003, p. 150).

Como vimos, o espaço psíquico constrói-se na ausência, isto é, no vazio deixado pelo hiato criado entre o sujeito e o objeto. Se o bebê tem a capacidade de contemplar este vazio e acredita na possibilidade de regresso do objeto (porque tem a capacidade de tolerância à frustração), o vazio do *nada* pode ser preenchido de forma adequada. Para isso necessita de um *continente* que lhe proporcione um contexto significativo, que lhe dê a segurança para acreditar e desenvolver a constância do objeto. Contudo, se não existe a capacidade de tolerar o hiato entre a ausência do objeto e a realização, o *nada* degenera na *in-substância*, sob a forma de *mau seio*, conduzindo a uma queda no *nada* do *buraco-negro* (Grotstein, 1999).

Segundo Grotstein, os psicóticos, “quando bebês ou crianças, sofreram uma catástrofe psíquica na qual... perderam o seu sentimento de proteção no seio de um mundo justo... A partir de então, sentiram-se à deriva, derrelitos num mar de aleatoriedade. Não podendo mais ‘continuar a ser’, ficaram condenados à descontinuidade existencial e ao ‘pavor sem nome’” (op. cit., p. 79). Havendo uma falha no desenvolvimento da *função  $\alpha$* , torna-se impossível a transformação de *elementos  $\beta$*  em *elementos  $\alpha$* . Isto quer dizer que há uma incapacidade materna para conter o sofrimento do bebê, tolerá-lo e dar-lhe sentido, restando-lhe como defesa contra a queda no *buraco-negro*, ou no vazio deixado pela inexistência de um *continente*, a projeção de *objetos bizarros* – delírios e alucinações – visando a fuga à realidade insuportável que representa a ausência de *continente*.

Perante a impossibilidade de desenvolvimento do *aparelho para pensar os pensamentos*, a mente psicótica é incapaz de ordenar a aleatoriedade provocada pelos delírios e alucinações. A queda no *buraco-negro* representa o derradeiro estado traumático de desorganização, terror, caos, aleatoriedade e entropia.

Tendo em conta o exposto, procuramos agora, de forma abreviada, definir a psicose numa perspectiva bioniana, utilizando como base a teoria do desenvolvimento do pensamento. Antes de mais, consideramos importante lembrar que para Bion qualquer personalidade se divide em duas partes, uma parte psicótica e uma parte não-psicótica, sendo que, na psicose a primeira obscurece a segunda, definindo o seu grau de gravidade. De uma forma genérica podemos dizer que a psicose implica um processo de deterioração das funções da personalidade implicadas no desenvolvimento psíquico. Nos casos mais graves apresenta-se como uma grave perturbação dos processos do pensamento, pois o psicótico não é capaz sequer de pensar pelo facto do seu aparelho para pensar não se chegou a desenvolver. Isto implica uma incapacidade de simbolizar e de articular os símbolos entre si, dando sentido à realidade. Não pode atribuir significados às emoções que resultam do seu contacto com o mundo através dos órgãos dos sentidos. A impossibilidade de simbolizar resulta numa linguagem confusa em que as palavras têm o valor da *coisa-em-si-mesma*, como se fossem as próprias coisas que deveriam apenas designar.

O sujeito vê-se então perante um excesso de estímulos que não pode conter e transformar. A *barreira de contacto* é substituída pela *tela  $\beta$*  a qual não consegue estabelecer limites entre consciente e o inconsciente, entre o mundo interno e o mundo externo e entre a fantasia e a realidade. Por esta razão, o espaço psíquico do psicótico, torna-se um campo de invasões constantes de elementos que o sujeito não consegue diferenciar e não sabe a que mundo pertencem, formando-se uma confusão entre os diferentes mundos.

Apesar do psicótico não se retirar completamente da realidade, existe um ódio a toda a realidade que implique sofrimento (dor), o que resulta numa preferência pelo mundo da fantasia. O seu contacto com a realidade é mascarado por uma fantasia onipotente que o leva a acreditar que pode destruí-la, atacando o próprio aparelho mental, atacando todos os vínculos que o podem tornar consciente da realidade psíquica e da realidade externa. Este ataque impossibilita a função de pensar, a função simbólica, a função do conhecimento e o uso da linguagem. Ao mesmo tempo, forma-se um *superego* severo e destrutivo em relação ao ego que, no limite, impede o sujeito da sua própria existência.

O predomínio do ódio e da inveja sustentam um forte ataque ao aparelho mental gerando um pavor angustiante de aniquilação eminente. Na falta de um *continente* adequado, capaz de conter e transformar a angústia causada pelos temores de aniquilamento e de morte, estes constituem-se sob a forma de um “terror sem nome” e o sujeito teme ser aniquilado pela “pulsão de morte”. Assim, o aparelho psíquico (*self*) esvaziado pela *identificação projetiva* patológica, fica refém da “pulsão de morte”.

A diferenciação entre as duas partes da personalidade assenta na fragmentação e na projeção do aparelho mental. Nos casos mais graves, os fragmentos da personalidade, são expelidos de forma violenta através da *identificação projetiva* patológica junto com os *protopensamentos* (*elementos  $\beta$* ), acabando por provocar um esvaziamento progressivo das capacidades do ego, de perceber, de pensar e de conhecer. Estes *elementos  $\beta$* , acrescidos de fragmentos da personalidade, são projetados nos objetos. A destruição dos vínculos impede a sua tradução pelo que são trazidos de volta sob a forma de *objetos bizarros* (com características persecutórias), pela mesma via pela qual foram expulsos. Assim se formam os delírios e as alucinações que acabam por constituir o último recurso do psicótico para preencher o vazio, deixado pela ausência do objeto, que não consegue tolerar. Contudo, o recurso aos delírios e alucinações, mantêm o sujeito no domínio da confusão, da desorganização e do caos.

O recurso intenso à *identificação projetiva* patológica revela uma relação de confusão e de fusão com o objeto que impede a passagem para a *posição depressiva* onde *self* e objeto efetivamente se separam e se torna possível introjetar representações dos objetos. Sem esta separação, o sujeito não consegue introjetar o objeto *continente* nem desenvolver a *função simbólica*.

## OBJETIVO

As falhas nos processos psíquicos, que ajudam na compreensão das patologias em geral, têm constituído objeto de estudo em vários trabalhos desenvolvidos nas últimas décadas. No presente trabalho, propomos um olhar para os processos psíquicos característicos da psicose. Para o efeito, com base nas conceções bionianas, colocamos várias hipóteses de estudo, formuladas à volta das vicissitudes do desenvolvimento do *aparelho para pensar os pensamentos*.

A ausência, ou desenvolvimento inadequado da *função  $\alpha$* , põe em causa o manejo básico da vida psíquica, pois o sujeito fica impossibilitado de pensar e simbolizar. Sem a aquisição da *função  $\alpha$*  não se desenvolve a capacidade de sonhar e o sujeito fica exposto aos fenómenos mentais que podem comprometer a perceção e conduzir à psicose. Se o sujeito não for capaz de se livrar dos *elementos  $\beta$* , estes elementos sem sentido acumulam-se, invadem o espaço psíquico, conduzindo ao caos e à desorganização do pensamento. Então os *elementos  $\beta$*  têm que ser colocados fora do sujeito através da *identificação projetiva* (mecanismo de defesa que predomina na psicose). Por outro lado, se os *elementos  $\beta$*  não podem ser transformados em *elementos  $\alpha$* , não se forma a *barreira de contacto* e não existe delimitação entre inconsciente/consciente, interno/externo, fantasia/ realidade. Sem esta delimitação os elementos do inconsciente invadem o consciente sem que o sujeito esteja preparado para tal. Há uma invasão do mundo interno pelo mundo externo que torna o sujeito hipersensível ao que vem do exterior e o sujeito não é capaz de distinguir o que pertence à realidade e à fantasia, acabando por acreditar que a fantasia é a realidade.

A falha pode advir da relação *continente-conteúdo*. A introjeção da *função continente* é fundamental para o desenvolvimento do aparelho mental. Sem ela o sujeito não é capaz de conter os *conteúdos* psíquicos que vão sendo gerados pela mente ao longo da vida e de desenvolver a função simbólica. Mesmo que exista a *função  $\alpha$* , capaz de transformar os *elementos  $\beta$*  em *elementos  $\alpha$* , estes não podem ser utilizados sem a atuação da *função continente*. É por esta razão que a *identificação projetiva*, inicialmente utilizada na busca de um *continente*, se intensifica (tornando-se patológica), acabando por destruir progressivamente as capacidades da perceção, do pensamento e do conhecimento. Segundo Grotstein (2003) o sujeito consegue

utilizar a *identificação projetiva* como forma de colocar fora de si os pensamentos que não podem ser pensados (juntamente com os fragmentos das ligações e do próprio aparelho mental), mas não consegue introjetar a *função continente* porque não o pode fazer também com a representação do objeto como *continente*. O desenvolvimento do espaço psíquico fica assim comprometido, condenando o psicótico ao plano da *bidimensionalidade*.

Por outro lado, quando a relação *continente-conteúdo* funciona no sentido inverso do desenvolvimento psíquico, pode ocorrer a inversão da *função  $\alpha$* . Neste caso, a *barreira de contacto* já constituída é destruída e forma-se uma espécie de barreira composta por *objetos bizarros* – *tela  $\beta$* . Estes objetos têm características ameaçadoras que levam o psicótico a recuar o aniquilamento e, não podendo ser pensados, têm que ser colocados fora do sujeito sob a forma de delírios ou alucinações. O psicótico procura então reconstruir o seu mundo a partir dos delírios, que utiliza de forma convicta, ficando assim confinado a um mundo de confusão. É por isso que a linguagem dos psicóticos se torna confusa e sem significado. Como não há capacidade para pensar ou para simbolizar, as palavras adquirem uma dimensão concreta, são a *coisa-em-si-mesma* e não aquilo que deveriam apenas designar.

Outra hipótese depende da relação com o objeto (*seio*), cuja ausência é causadora de frustração. Uma incapacidade de lidar com a frustração põe em causa o desenvolvimento do aparelho para pensar, pois o sujeito não só tem que evacuar os *protopensamentos* que se mantêm como tal porque o desejo não se realizou, como também os próprios pensamentos têm que ser evacuados porque se tornam iguais aos objetos maus internalizados. Ao mesmo tempo, a intolerância à frustração conduz a um afastamento da realidade, no sentido da adulteração da mesma, devido à incapacidade de suportar a dor que resulta da ausência. Esta dor não pode ser contida pela *função continente* nem transformada pela *função  $\alpha$* .

Por outro lado, a ausência do objeto *continente* deixa um vazio com o qual o psicótico não é capaz de lidar. A única forma que encontra para o preencher é projetando *objetos bizarros*, sob a forma de delírios e alucinações que, por sua vez, o mantêm num estado de desorganização, de caos e aleatoriedade, podendo conduzi-lo à queda no *buraco-negro*.

Apesar de não perder o contacto total com a realidade, graças à parte não-psicótica da personalidade, o psicótico teme a realidade pela *verdade* acerca do próprio que pode trazer à consciência. Por isso, todos os *vínculos* que possam conduzir ao conhecimento são alvo de ataques destrutivos (*-K*). Quando os *vínculos* são atacados as ligações são fragmentadas e projetadas para fora com prejuízo do aparelho mental, das funções do pensamento verbal, de

formação de símbolos, do conhecimento e do uso da linguagem. Desta forma, em vez de se desenvolver o pensamento no sentido do conhecimento, dá-se uma reversão no processo. Não há crescimento mental pois o sujeito é incapaz de passar do estado caótico de dispersão (*Ps*) para um estado de integração (*D*).

Estas são as dimensões que nos propomos a estudar através do processo-resposta Rorschach. Como nos mostra a literatura, o Rorschach permite-nos aceder à natureza dos processos mentais. O teste obriga o sujeito a um trabalho psíquico específico que lhe permite reorganizar-se perante a situação catastrófica que a prova impõe, dando conta da (in)existência e (dis)funcionalidade de capacidades que resultam da introjeção das funções que, segundo Bion, deverão permitir o desenvolvimento do pensamento.

Através do Rorschach podemos ainda conhecer o funcionamento mental e aceder à realidade do sujeito, utilizando técnicas e conceções teóricas que nos permitem ir para além do que é dito. Por esse motivo, propomo-nos reunir e organizar os conhecimentos técnicos já existentes, utilizados em trabalhos recentes desenvolvidos em Portugal (Deus, 2012; Fonseca, 2012; Gavanha, 2003/2005; Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009; Nascimento, 2005; Marques, 1999; Nascimento, 2005; Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009; Soares, 2007; Tröger & Pinheiro, 2009), de forma a poderem ser utilizados no estudo da psicose.

Acreditamos que a partir da análise do protocolo Rorschach de um paciente psicótico podemos contribuir para uma outra forma de analisar esta modalidade de funcionamento, na perspectiva do desenvolvimento psíquico. Poderemos introduzir ligeiras alterações no instrumento, desenvolvendo as suas potencialidades enquanto metodologia de observação. Segundo Marques (1999, p. 247), “os meios técnicos e metodológicos devem tornar-se sensíveis ao que se pretende conhecer, renovando-se e submetendo-se aos novos modelos teóricos...”

## METODOLOGIA

### Instrumentos

A metodologia projetiva apoia-se no paradigma psicanalítico. Inicialmente a escola francesa serviu-se da teoria metapsicológica freudiana para a desenvolver. Contudo, tem-se assistido a um alargamento a outros referenciais teóricos psicanalíticos, como os kleinianos e bionianos, que em muito têm contribuído para a evolução, quer das conceções metodológicas, quer das conceções teóricas que suportam os instrumentos (Marques, 1999).

Entre os diversos instrumentos projetivos, consideramos que o Rorschach ocupa um lugar privilegiado pela atenção que tem atraído e pelo respeito que tem conquistado devido às possibilidades que apresenta. As investigações e publicações realizadas têm contribuído para aumentar de forma cada vez mais precisa a sensibilidade, fidelidade e validade deste instrumento. Por outro lado, têm ainda contribuído para a construção do conhecimento sobre o sujeito psicológico, conhecimento este que nunca está fechado e que pode sempre ser objeto de ampliação. O Rorschach deve então estar subordinado ao valor e ao papel que, enquanto instrumento, tem na construção do conhecimento sobre o sujeito psicológico e, ao mesmo tempo, deve refletir e ampliar os seus paradigmas fundamentais (Marques, 1999).

Enquanto prova projetiva, fundada e fundamentada no paradigma psicanalítico, o Rorschach assenta em quatro pressupostos. O primeiro diz respeito à situação-projetiva e à sua relação com a clínica, no sentido em que as respostas resultam de um encontro intersubjetivo entre sujeito e psicólogo. Ao analisar e interpretar as respostas, interessa-nos ter em consideração “o contexto e processo que conduzem, condicionam, determinam, moldam e modelam esse produto final, sem o que o conhecimento será sempre imperfeito e aproximativo” (Marques, 1999, p. 38). O segundo pressuposto refere-se à natureza dos processos mentais que estão na base das ligações e transformações expressas através da relação entre o sujeito e a situação projetiva. A apresentação de cartões com manchas imprecisas, algo desconhecido e desorganizador, e o convite para o sujeito dizer o que estas poderão ser, cria uma *situação catastrófica* que apela à *projeção* e conduz à *simbolização*. O próprio material, dotado de qualidades percetivas que induzem uma situação disruptiva de caos psicológico, obriga o sujeito a reorganizar-se através de um trabalho psíquico específico. O sujeito deverá ser capaz de

converter as impressões sensoriais percebidas em pensamentos comunicáveis – *símbolos*. Bion, através do modelo de *transformação*, associa este processo de formação de símbolos à capacidade para pensar que se desenvolve na relação *continente-conteúdo*. O terceiro pressuposto prende-se com o facto do processo-resposta Rorschach nos permitir conhecer o funcionamento mental do sujeito e aceder à sua realidade psicológica. Torna-se necessário ir além do que é dito, integrando, interpretando e acrescentando significados e sentidos, com base nas conceções teóricas, estratégias e metodologias que o permitem. Por fim, no quarto pressuposto, a resposta-Rorschach apresenta-se como um “novo objeto”, recriado na relação entre o interno e o externo, entre a objetivação e a subjetivação e na intersubjetividade da relação (Marques, 1999).

Mais do que um instrumento de avaliação, o Rorschach é considerado um método estruturado em torno de dois paradigmas elementares. Um psicométrico, centrado na quantificação e na comparação com normas pré-estabelecidas. Outro centrado numa interpretação sustentada por pressupostos psicanalíticos. A codificação dos elementos manifestos das respostas, pelo sistema de cotações, e a sua sistematização através do psicograma, facilitam a abordagem quantitativa da psicometria, permitindo identificar e descrever sinais que inscrevem os sujeitos em grupos psicopatológicos. A abordagem qualitativa, interpretativa, centra-se no conteúdo latente das respostas e permite aceder a dimensões internas, subjetivas e interpretativas do sujeito, com base nos pressupostos da psicanálise. Torna-se então necessário definir procedimentos metodológicos que garantam a fiabilidade científica do instrumento. Estes deverão ser definidos em função de uma técnica precisa de apresentação, aplicação e análise (Chabert, 1997/2003).

### ***As Qualidades Percetivas e Projetivas do Rorschach***

O Rorschach é constituído por dez manchas de tinta, negras e policromáticas, cuja configuração imprecisa, apesar das suas características de simetria, lhe dá um aspeto desestruturado. Quando apresentadas, numa sequência pré-estabelecida, as dez pranchas obrigam o sujeito a um trabalho de reorganização do pensamento para lhes dar sentido, transformando manchas em imagens e “coisas” em palavras, conceitos e símbolos. Cada uma das manchas provoca uma impressão sensorial percebida através da sua estrutura simétrica e

de elementos como a forma, a cor e o esbatimento. Estas são as características manifestas do material, que apelam à percepção e que confrontam o sujeito com elementos precisos da realidade externa, permitindo a sua organização face às características inquietantes e desorganizadoras das manchas. Contudo a representação interna suscitada pela percepção sensorial, pode levar o sujeito a negar a realidade que lhe é apresentada, caso não exista a capacidade de reviver e de recordar aquilo que é reativado. Assim, a percepção funciona como um meio de comunicação entre o mundo externo e o mundo interno do sujeito e é através dela que o sujeito pode criar um *novo objeto* através da significação e da simbolização. Este *novo objeto* só é possível se concebido dentro da relação *continente-conteúdo*. O objeto pode ser contido e transformado em algo novo, restaurando o equilíbrio e abrindo as vias do conhecimento, num caminho que vai ao encontro da verdade. De acordo com Bion, a capacidade do sujeito conter e elaborar os dados da experiência sensorial transformando-os em elementos utilizáveis pelo pensamento, pressupõe o estabelecimento de vínculos psíquicos (amor, ódio e conhecimento) e a atividade do aparelho para pensar os pensamentos (cit. por Marques, 1999).

Voltando a nossa atenção para o conteúdo manifesto do material, os autores que estudámos (Chabert, 1997/2003; Raush de Traubenberg, 1970/1990) identificam duas dimensões fundamentais: a dimensão estrutural que se prende com as suas características formais e a dimensão sensorial relacionada com a cor e o esbatimento.

Em termos estruturais os cartões caracterizam-se pelo seu carácter unitário e compacto ou por uma configuração bilateral e por uma simetria que os organiza em torno de um eixo vertical, mais definido nos cartões de configuração unitária (I, IV, V, VI e IX), ou menos definido nos cartões de configuração bilateral (II, III, VII, VIII e X). Estas particularidades estruturais dos cartões têm algumas implicações latentes. Os cartões unitários remetem para a imagem de um corpo humano estruturado simetricamente em torno do seu eixo e os cartões bilaterais remetem para a representação das relações, deixando transparecer as vivências relacionais do sujeito. Os cartões podem ainda ser agrupados em função do seu carácter fechado e compacto (I, IV, V, VI), de onde se destacam referências fálicas através de apêndices salientes, (IV e VI) ou em função do seu carácter aberto, oco e continente (I, II, III, VIII, IX), de onde se destacam características do feminino/materno (Chabert, 1997/2003).

Quanto à simetria, presente em todos os cartões, Marques (1999) destaca o facto de esta ser uma característica da realidade percetiva que organiza a mancha, dando-lhes coesão e harmonia, apesar desta se apresentar como algo novo e disperso. Diz a autora que, na vida

mental, o desenvolvimento, o crescimento e as relações dependem desta dicotomia entre, por um lado, a coesão e a harmonia e, por outro lado, o desconhecido e a dispersão. A simetria, relacionada com a noção de *reprodução do mesmo* em relação a um eixo, que dá lugar ao desdobramento num *duplo* perfeito, conduz a mente a recusar o novo, o imperfeito. Coloca assim a mente (na sua relação com o mundo) perante a impossibilidade de crescer. Contudo, as sucessivas réplicas acabam por perder as características iniciais. Trazem o novo, o imperfeito que se apresenta como elemento desorganizador e ao mesmo tempo criam a necessidade de correção da imperfeição conduzindo à integração do novo. “Esta é a lógica que sustenta as possibilidades de desenvolvimento... através de processos que vão da dispersão para a integração, do caos para a ordem, através de uma relação continente-conteúdo que implica relações de comunicação, empatia e transformação, sustentadas e asseguradas pela identificação projetiva” (Marques, 1999, p. 207).

Quanto à dimensão sensorial do material podemos distinguir três grupos. No primeiro grupo temos os cartões cinzento-escuros (I, IV, V e VI) cujo contraste negro-branco pode, por interferência da realidade externa (e.g., referências culturais que associam o negro à tristeza, depressão e luto), atingir a sensibilidade do sujeito provocando manifestações de inquietação, ansiedade ou angústia. Temos os cartões negro-branco-vermelhos (II e III) em que o contraste das cores associado à organização bilateral pode atingir o sujeito de uma forma brutal. Se por um lado o vermelho solicita “afetos brutos”, através da reativação de movimentos pulsionais agressivos e/ou sexuais, a sua bilateralidade permite esboçar a relação entre representações das relações (na sua dimensão formal) e afetos (na sua dimensão sensorial). Num terceiro grupo estão os cartões pastel (VIII, IX e X), conhecidos como os cartões dos afetos, que se diferenciam pelas suas características estruturais. O cartão VIII provoca o impacto de ser o primeiro cartão pastel que é, no entanto, atenuado por uma estrutura clara, com cores delimitadas (que não se invadem). Mais complexo é o cartão IX que, por um lado, mistura as cores dando a impressão de interpenetração e, por outro lado, não tem uma configuração estrutural definida podendo ser visto como um cartão fechado, aberto (pelo branco central) e bilateral (na parte superior). Quanto ao cartão X a multiplicidade das cores e a dispersão das manchas dificulta a sua classificação do ponto de vista estrutural.

A análise mais objetiva do conteúdo manifesto dos cartões, com base nos elementos estruturais e sensoriais, pode ser um ponto de partida para uma análise que se quer mais profunda. Diz Chabert que esta análise, embora possa ser limitativa, permite reencontrar a

articulação perceptivo-projetiva das representações. Se por um lado a percepção tem o poder de ligar o sujeito à realidade, é também a percepção que o impele à projeção (Chabert, 1997/2003).

Impõe-se, portanto, a análise do conteúdo latente tendo em consideração a representação de si e a representação das relações. No que concerne à representação de si, encontramos elementos relacionados com as questões da identidade, em termos da imagem do corpo e da diferenciação sujeito/objeto, e elementos relacionados com as questões da identificação, em termos da diferenciação sexual. Quanto à representação das relações, destacam-se o registo conflitual e os níveis de desenvolvimento libidinal.

O Rorschach apela à imagem do corpo, sobretudo através das características estruturais dos cartões. A sua construção simétrica é semelhante ao esquema corporal ordenado simetricamente à volta de um eixo mediano. Os cartões compactos, manifestamente solicitam a projeção do corpo. Por fim, os cartões bilaterais podem expor uma angústia de desintegração, na medida em que, por não oferecerem referências estáveis, põem à prova as capacidades de unificação do sujeito. Importa ainda destacar que são os cartões *pastel* que mais desencadeiam angústias de fragmentação, frequentemente presentes nos protocolos de psicóticos (Chabert, 1997/2003).

O sentimento de identidade depende ainda da diferenciação sujeito/objeto, o que pressupõe que os processos de separação/individuação se tenham dado com um relativo sucesso. No Rorschach esta problemática surge, por exemplo, nas representações de *duplos*. Isto acontece nos cartões compactos quando a linha média é vivida como uma linha de separação entre duas entidades que são apenas a repetição do mesmo. O eu e o outro não são complementares, mas sim idênticos e estranhos, gerando uma confusão de identidades. Mais propícios ainda à representação do *duplo* são os cartões bilaterais, em que o outro surge como espelho do eu (Chabert, 1997/2003).

Tendo em conta a problemática da identidade, torna-se interessante considerar a proposta de Marques para a organização da análise e interpretação do Rorschach, através da noção *feminino-masculino*, enquanto elemento que funda e estrutura a identidade do sujeito, a sua identificação e a relação. Diz a autora que, através do Rorschach, é então possível aceder à identidade, no sentido da diferenciação que se estabelece a partir da oposição e complementaridade entre feminino e masculino. A relação entre sujeito e objeto “*pressupõe a separação eu/não Eu que conduz, permite e revela a objetualização, isto é, a relação do sujeito com o mundo*” (Marques, 1999, p. 209). Esta dimensão da identidade manifesta-se através da

separação figura/fundo, dentro/fora, sujeito/objeto, que só é possível se existir a capacidade de preservar um interior e se a *função continente* tiver sido introjetada, para que o sujeito se possa manter diferenciado do outro.

Num registo simbólico mais evoluído, o Rorschach permite ainda aceder às questões da identificação secundária relacionadas com a diferenciação sexual. Esta diferenciação é construída com base na noção fundamental de bissexualidade psíquica, dado que se encontram sempre referências ao outro sexo nos cartões, seja através da dominante simbólica oca (associada sobretudo ao feminino) ou da dominante simbólica fálica (associada aos dois sexos). Estas referências simbólicas dos cartões, arrastam muitas vezes associações ligadas às imagens materna e paterna. Segundo Rosolato, a identificação funda-se nas relações integradas do materno e do paterno e não ocorre só por incorporação, introjeção e assimilação, mas exige “uma combinatória modulada: dois pais, dois sexos, pulsões de amor e de ódio de vida e de morte” (cit. por Marques, 1999, p. 210). Marques acrescenta que todos os cartões Rorschach contêm como referência básica, fundadora, todos os elementos referidos por Rosolato, estando estes também na base da construção das representações das relações.

Alguns cartões facilitam as associações relacionais, contudo não as impõem nem condicionam o seu registo conflitual. Os cartões com configuração bilateral, pela forma como se organizam em *duplo*, induzem imagens animais ou humanas face a face. Já os cartões cromáticos, vermelhos ou pastel, com as suas solicitações emocionais, afetivas e pulsionais, induzem a expressão de experiências de contacto com o mundo. Sobretudo os cartões pastel permitem a apreensão do tipo de relação que o sujeito estabelece com o meio e revelam a sua maneira de estar no mundo (Chabert, 1997/2003).

Assim, diríamos que uma boa análise obriga a integrar as variáveis clínicas e relacionais que presidem à aplicação, as conceções teóricas a utilizar, as características percetivas do material (o manifesto) e o seu valor simbólico (o latente). “Todos os elementos da situação Rorschach devem ser reunidos, ligados e transformados numa relação continente-conteúdo, numa relação em que a mente, como continente, deve conter, comunicar e transformar a «*ideia nova*», o conteúdo, o que leva à emergência e à criação de palavras e conceitos que são a «*conjunção constante de factos*»” (Marques, 1999, p. 212).

### ***O Processo-resposta Rorschach***

De um modo geral podemos dizer que o método Rorschach, onde o sujeito comunica as suas respostas ao psicólogo, pressupõe uma situação relacional mediada pelo instrumento. As respostas têm como ponto de partida a relação entre a percepção e a projeção e implicam um processo interpretativo complexo.

Como vimos, a situação Rorschach contém elementos desestabilizadores, indutores de desequilíbrio, que podem ser vividos como uma ameaça à integridade do sujeito, impondo-lhe a necessidade de realizar um trabalho psíquico que lhe permita restabelecer o equilíbrio. As manchas, embora possam ser ordenadas pela percepção, não têm um significado preciso, mas são dotadas de qualidades psíquicas que o sujeito pode converter em pensamentos utilizáveis e comunicáveis, atribuindo-lhes um significado. Esta atribuição de significado, a que se chama *atividade simbólica*, assenta na ligação, comunicação e transformação, do interno com o externo, do sujeito com o objeto (a mancha), num processo contínuo de ligação e comunicação. Trata-se de uma atividade elementar do pensamento (Marques, 1999).

Colocamos então a seguinte questão: como ocorre este processo, cujo produto final é a resposta? "O ponto de partida para a formulação do processo-resposta Rorschach são as próprias características das manchas" (estruturais, sensoriais e simbólicas) "que abrem uma infinidade de significados, tornados possíveis num processo sustentado pela identificação projetiva, numa relação continente-conteúdo" (Marques, 1999, p. 212). Com base nas conceções de Bion, percebemos que só numa relação *continente-conteúdo*, que lhe permita utilizar a *função  $\alpha$* , é que o sujeito consegue integrar e elaborar a nova experiência emocional (resultante do contacto com a realidade externa trazida pelo material Rorschach) ligando as experiências emocionais antigas (que fazem parte do seu mundo interno) e transformando-as, através da simbolização, em novos objetos - *elementos  $\alpha$* .

A *identificação projetiva* desempenha um papel de suporte em todo este processo, não exatamente como um mecanismo de defesa (no sentido inicialmente atribuído por Klein), mas como um mecanismo que está ao serviço da comunicação entre o interior e o exterior. Na sua relação com a identidade, a *identificação projetiva* é utilizada ao nível da identificação primária na qual ainda existe confusão e fusão entre sujeito e objeto. Contudo, esta acabará por ceder e dar lugar à separação e à diferenciação, com o conseqüente enriquecimento e crescimento. Este processo de diferenciação sujeito/objeto ocorre através da relação de comunicação entre sujeito

e objeto (entre o interior e o exterior) (Marques, 1999).

Na perspectiva de Bion, a ação da *identificação projetiva* leva a movimentos e oscilações dinâmicas entre a *dispersão* que ocorre na posição esquizo-paranóide (*PS*) e a *integração* que ocorre na posição depressiva (*D*). Esta relação dinâmica  $Ps \leftrightarrow D$ , dentro de uma relação *continente-conteúdo*, possibilita o crescimento no sentido do conhecimento, através da *função  $\alpha$* , do pensar e da *função simbólica* (Marques, 1999).

No processo-resposta Rorschach, o sujeito é impelido a transformar em símbolo a impressão sensorial causada pela mancha. Para o fazer terá que estabelecer uma relação de comunicação com o objeto (mancha), isto é, terá que haver comunicação entre o dentro e o fora, entre o mundo interno do sujeito e o mundo externo (realidade trazida pelo Rorschach). Esta comunicação é estabelecida através da *identificação projetiva* que, pela sua dimensão relacional, possibilita a utilização dos elementos da percepção de uma forma simbólica, revelando desta forma o pensar (Marques, 1999).

Verificamos portanto que o processo-resposta Rorschach tem como organizador fundamental a *função simbólica* que permite ao sujeito criar *objetos novos*. Na perspectiva de Bion, a *formação de símbolos* está ligada à *função  $\alpha$* . É através desta que o sujeito pode transformar uma experiência emocional vivida como caos, em elementos que podem ser usados em pensamentos. À medida que o sujeito vai aprendendo com a experiência, estes pensamentos vão evoluindo até que o sujeito seja capaz de atribuir significado à realidade externa e interna. É assim que se constitui a atividade de pensar e simbolizar (Marques, 1999).

Aplicando o modelo das transformações de Bion, Marques (1999) refere que os símbolos que constituem as respostas Rorschach representam sempre os factos que estão na sua origem (*O*). Estes surgem com base na interpretação que o sujeito faz do que percebe na mancha. Diz a autora que a situação projetiva se constitui como uma *pré-conceção*, algo potencial que, através das operações de ligação e transformação (a *realização*) pode conduzir a um processo de criação de um novo significado, ou seja, de uma *conceção* simbólica. Isto significa que podemos aceder à natureza da representação do sujeito através das respostas dadas. Para isso recorreremos à interpretação das mesmas. Esta interpretação deve ter em conta não só a resposta, mas todo o trabalho que permite ao sujeito chegar até ela. Se num primeiro momento é o sujeito que interpreta as manchas, dando-lhes um significado que comunica através do processo-resposta Rorschach, num segundo momento é o clínico que interpreta a resposta dada como forma de aceder a “*O*” (a verdade do sujeito).

*“O pensar, simbolizar e substituir o objeto, as manchas Rorschach, o criar uma significação na sua ausência, o restaurar a completude e o restabelecer de um novo equilíbrio, mostrar-nos-ão como é reconstituída a completude dos objetos interiorizados, e como ocorre o processo geral de integração e conhecimento, isto é, podemos ver qual é a relação entre a resposta Rorschach e a verdade do sujeito”* (Marques, 1999, p. 239).

Assim as respostas Rorschach, depois de sofrerem as várias transformações operadas pelo sujeito, são também transformadas pelo clínico, num processo de interpretação sobre a interpretação do sujeito, visando o conhecimento sobre o mesmo e sobre os seus processos de transformação.

## **O Material**

A recolha do protocolo a ser utilizado no presente estudo realizou-se no âmbito do estágio curricular que realizámos na Clínica Psiquiátrica de S. José em Lisboa. A participante encontrava-se internada na instituição onde lhe foi proposta uma avaliação psicológica que incluiu a aplicação do Rorschach. A S é uma mulher de 38 anos, sem filhos, divorciada. É professora de português, mas no momento não conseguia exercer a sua função. Isolava-se, tinha comportamentos de automutilação e era conhecida uma tentativa de suicídio por ingestão medicamentosa. Quando foi realizada a recolha do protocolo, a S estava já a ser medicada com antipsicóticos.

Na recolha do protocolo procurou-se utilizar a técnica, com o maior rigor possível, prestando atenção às condições necessárias para a sua aplicação. A situação de recolha ocorreu num dos gabinetes médicos da unidade em que a S estava internada. As cadeiras foram colocadas praticamente frente a frente e a secretária existente foi utilizada como apoio para colocação dos cartões. A instrução dada foi a sugerida por Chabert: *“Vou mostrar-lhe dez cartões e vai dizer-me tudo aquilo em que eles a fazem pensar, o que pode imaginar a partir destes cartões”*. Foi ainda dito *“Não existem respostas certas ou erradas, diga tudo o que lhe vier à mente”* (1997/2003, p. 43). Os dez cartões foram apresentados sequencialmente, pela ordem pré-definida. As respostas espontâneas foram todas registadas, assim como todos os elementos que surgiram durante a aplicação. Apresentados todos os cartões, passou-se ao segundo momento da aplicação, o inquérito como forma de clarificar as respostas dadas de

forma espontânea. Foi então feito o convite para uma segunda passagem pelos cartões, dando à participante a oportunidade de dizer o que a fez pensar no que foi evocado, especificando a localização de cada resposta. Por fim foi proposta a escolha dos dois cartões que gostou mais e dos dois cartões que gostou menos.

## PROCEDIMENTOS

### Procedimentos de Análise do Rorschach

Propomos para o estudo do protocolo uma análise resposta a resposta, cartão a cartão, tendo em consideração a cotação de cada resposta e o conteúdo latente/simbólico de cada cartão. Posteriormente será realizada uma análise conjunta do protocolo, refletindo sobre os elementos do psicograma.

Como introdução aos procedimentos de análise, propriamente ditos, decidimos destacar algumas características associadas às perturbações do pensamento enunciadas por Chabert (1998/2000), por pensarmos serem úteis para a posterior análise do protocolo.

Os danos do pensamento revelam-se através da perda de capacidades. Perdas relativas aos processos de pensamento que consistem em atividades de diferenciação (atenção/seleção), de ligação, de elaboração (conceptualização), etc.. Por exemplo, nos psicóticos é comum encontrar-se uma grande dificuldade em manter a atenção contínua. Apesar da solicitação emocional da prova, que pode colocar o sujeito em estado de alerta ou de pânico é frequente este efeito passar rapidamente. Deste modo, o sujeito, no momento do inquérito, não se lembra das respostas dadas e/ou da localização inicial das imagens. As dificuldades de concentração, que aparentemente justificam a dificuldade em manter a atenção de um momento da prova para o outro, parecem resultar de uma necessidade de descontinuidade, imposta pela obrigação de rutura. No Rorschach, as falhas ao nível da atenção e da concentração prejudicam sobretudo a apreensão percetiva do material (op. cit.), sendo privilegiadas a apreensão global, os pormenores Dd, a indiferenciação figura/fundo e a perseveração. A obrigação de rutura, de que Chabert fala, leva-nos a pensar no ataque que o sujeito faz ao pensamento e aos vínculos, bloqueando assim a atividade mental para fugir à realidade (verdade) que prefere não conhecer (-K).

O ataque que o sujeito faz aos vínculos explica as falhas ao nível dos processos de ligação, que se revelam através da dissociação. Esta dá conta da rutura das ligações ou dos vínculos entre acontecimentos, pensamentos e afetos. Manifesta-se, por exemplo, através da linguagem (e.g., falhas e bloqueios no discurso, respostas desprovidas de sentido e de afeto) ou através da

imagem e do corpo (e.g., fragmentação, duplo) (op. cit.).

Quanto aos processos de elaboração, verificam-se falhas ao nível do raciocínio e da conceptualização. No Rorschach, as dificuldades de raciocínio são reveladas, por exemplo, através de um sobreinvestimento da dimensão perceptiva, orientada sobretudo pela forma, ou por uma falha cinestésica. Estas remetem-nos para uma falha do *continente* psíquico que, em situações normais, permitiria ao pensamento manifestar-se no seu espaço e constituir-se enquanto tal. Ao nível da conceptualização, Chabert (op. cit.) considera que as dificuldades na formação de conceitos são tributárias da falha do trabalho de ligação, determinado pelo uso da *identificação projetiva*. Se as projeções do sujeito não encontram um *continente* capaz de as transformar (através da *função  $\alpha$* ) atribuindo-lhes sentido, retornam ao sujeito sob a forma de *maus objetos* ou *objetos bizarros*. Segundo Bion, a presença destes *objetos bizarros* na mente, obriga à intensificação da *identificação projetiva* que se torna patológica, criando ruturas no aparelho psíquico, sobretudo quando os elos do pensamento são atacados (cit. por Wieland, 2013).

Apresentamos agora a proposta de **procedimentos de análise formal**<sup>1</sup>, cujo objetivo é identificar as falhas que podem ocorrer ao nível do desenvolvimento do aparelho psíquico, de acordo com as dimensões definidas como objetivo do presente estudo.

#### Falhas na introjeção da *função $\alpha$*

*Incapacidade para pensar e simbolizar* – Imagens dadas sem qualquer ressonância com o conteúdo latente dos cartões ou meras descrições do que está no cartão (e.g., “manchas de tinta”; “imagem simétrica”) são fortes indicadores da ausência das capacidades de pensar e simbolizar (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009). A presença de perseverações, recusas e choques revelam o bloqueio do processo associativo e a impossibilidade de atribuir sentido à experiência emocional resultante do encontro com a mancha, através do processo de simbolização (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009; Fonseca, 2012). No mesmo sentido, podem surgir G simples associados a banalidades ou D isolados que não se ligam com as restantes imagens do cartão, dando conta de uma abordagem superficial do material sem qualquer valor simbólico (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009). Perante a impossibilidade de pensar e

---

<sup>1</sup> Ver tabela de síntese dos procedimentos de análise da psicose no Rorschach.

transformar a experiência emocional (realidade) e a consequente invasão do espaço psíquico, podem surgir G impressionistas associados a expressões diretas de afetos e a determinantes sensoriais (Chabert, 1997/2003; Deus, 2012). Por outro lado, o tempo de latência e o tempo por cartão baixos testemunham a necessidade do sujeito expelir os *elementos β* que não puderam ser transformados (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009; Fonseca, 2012).

*Ausência da barreira de contacto* – Respostas Gbl ou D bl em que a figura não se destaca do fundo branco que é igualmente interpretado, e respostas EF, CF e C’F em que a forma não se destaca do fundo, revelam falhas na delimitação interno/externo (Fonseca, 2012; Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009) devido à ausência da barreira que deveria conter e separar os conteúdos psíquicos (Soares, 2007). Os E de textura sugerem instabilidade dos limites psíquicos (Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009) que parece estar associada à fragilidade da *barreira de contacto*.

G vagos (F+-), G F- e D F-, dão conta da dificuldade em manter a dialética entre o mundo interno e o mundo externo, entre a realidade e a fantasia, sendo que por vezes a realidade é mesmo substituída pela fantasia. (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009; Soares, 2007). No mesmo sentido um F% baixo, a predominância de F-, cinestésias delirantes K e alguns kan, kob e kp podem indicar que a fantasia está a comprometer a realidade (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009; Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009). Os (H), sobretudo se constituírem a maior partes das respostas H revelam retirada da realidade e indiferença entre real e imaginário devido à ausência ou porosidade excessiva da *barreira de contacto* (Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009; Soares, 2007).

#### Falhas na relação continente-conteúdo

*Ausência da função continente* – As respostas C, C’ e E, pela ausência de determinante formal com a função de contenção, dão conta da ausência ou da instabilidade do *continente* psíquico (Deus, 2012; Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009). Estas respostas associadas a G vagos ou impressionistas reforçam a ausência do *continente* (Gavanha, 2003/2005). Conteúdos Hd, Anat e Sg remetem para a fragilidade do *continente* que deixa escapar o seu fluxo vital e dos limites entre o dentro e o fora (Deus, 2012; Soares, 2007); sobretudo o Hd remete para imagens de um continente fragmentado ou vazio e hostil (Tröger & Pinheiro, 2009). Conteúdos de tendência regressiva, constituídos por imagens de *continentes* vazios ou artificiais revelam

a impossibilidade de conter e transformar os *conteúdos* psíquicos (Tröger & Pinheiro, 2009). Conteúdos sem profundidade, sem espessura, lisos, conteúdos desvitalizados, petrificados, testemunham a impossibilidade de introjeção do *continente* mantendo o sujeito no plano da *bidimensionalidade* psíquica (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009).

*Identificação Projetiva Patológica* – Dd arbitrários, revelam a necessidade de evacuação da realidade insuportável (Tröger & Pinheiro, 2009); estes Dd podem ser *elementos  $\beta$* , próprios de um pensamento delirante, confuso sem qualquer valor comunicativo, mas antes com valor patológico no sentido da perda do contacto com o real. Semelhantes a estes, os Do, resultantes de falhas perceptivas e fantasmáticas, correspondem a elementos não mentalizados (*elementos  $\beta$* ) que têm que ser evacuados (Deus, 2012). O excesso de respostas cor (C e C') testemunham uma hipersensibilidade aos estímulos com a invasão das emoções que daí advêm (impossíveis de conter) e a conseqüente intensificação da *identificação projetiva* como forma de expulsar o que o sujeito não pode suportar (Deus, 2012; Gavancha, 2003/2005). Cinestésias interpretativas K, kob e kp podem traduzir movimentos projetivos maciços, sobretudo quando contaminados pela projeção de um mau objeto (*mau seio*) (Deus, 2012; Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009).

#### Inversão da função $\alpha$

*Formação da tela  $\beta$*  – G contaminados (D/G; Dd/G; Dbl/G) revelam a existência de objetos absurdos, bizarros, inexistentes. G impressionistas associados expressões diretas dos afetos ou a determinantes sensoriais revelam um apego aos dados fornecidos pelos sentidos que não podendo ser traduzidos, são vividos como a *coisa-em-si-mesma* (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009). Dd arbitrários constituídos por imagens irreais ou bizarras (Tröger & Pinheiro, 2009) e cinestésias delirantes, pela predominância de *elementos  $\beta$*  intoxicantes, revelam uma forma delirante de estar (Chabert, 1997/2003). Conteúdos Sg, Anat, Sex, dados de forma crua sem qualquer simbolismo adquirem uma dimensão concreta, de *coisa-em-si-mesma*.

#### Intolerância à frustração

*Dificuldade em lidar com a ausência/vazio* – Dbl ignorados podem dar conta da dificuldade em olhar para o vazio; por outro lado, brancos ativamente tapados, encobertos através da interpretação abusiva do branco isolado (Dbl) ou da inclusão do branco nas respostas (Gbl e D bl) podem ser o reflexo da dificuldade em lidar com o vazio deixado pela ausência do

*continente*, numa tentativa de delimitar e conter este mesmo vazio (Nascimento, 2005). Uma contração no branco (Dbl), visto como imagem vazia dá conta da ausência de representação do *continente*, sobretudo quando surgem em cartões com simbolismo materno, como o cartão VII e o cartão IX (Deus, 2012).

*Queda no buraco-negro* – A perseveração ou a presença de muitas recusas reflete a impossibilidade de transformar a experiência emocional numa imagem o que pode ser indicador do vazio interior. O tempo de latência elevado ou a excessiva manipulação dos cartões pode ser um testemunho do vazio do espaço mental, neste caso na linha da *unidimensionalidade*. Podem mesmo surgir temas ou conteúdos que reflitam claramente o vazio interior (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009).

#### Ataque aos vínculos

*No sentido inverso do conhecimento (-K)* – G ou D associados a F+- ou F-, pela inviabilização da abordagem do real (verdade), revelam a ineficácia ou a destruição dos vínculos (Deus, 2012; Tröger & Pinheiro, 2009). A ausência de cor reflete a incapacidade de pensar e transformar as emoções pela existência de vínculos negativos (Deus, 2012). Respostas D que surjam na sequência de respostas G, mas que indiquem uma rutura com a primeira resposta, podem constituir uma fuga da realidade (verdade) revelando uma tendência no sentido inverso do conhecimento (-K).

De seguida, partindo dos conceitos teóricos bionianos por nós apresentados e das conceções metodológicas do Rorschach, procuramos apresentar uma **proposta de análise do conteúdo latente/simbólico** dos cartões na perspetiva da teoria do desenvolvimento do pensamento.

O cartão I, sendo o primeiro, representa a entrada na matéria, ou seja, o confronto com uma situação nova, desconhecida, que se pode caracterizar por conduta dependente passiva ou por conduta ativa de defesa. O confronto com o estímulo de características disruptivas impõe uma mudança catastrófica que apela à *projeção* e conduz à *simbolização*. Para que isto possa acontecer, tem que existir um *continente* capaz de conter a experiência emocional provocada pelo estímulo (Chabert, 1997/2003; Deus, 2012).

O aspeto compacto do cartão deverá facilitar a delimitação de um *continente* estável que permita a contenção das emoções provocadas pela situação. Contudo, as lacunas intermaculares

da mancha ou os seus contornos irregulares, podem colocar em evidência a dificuldade na constituição de um *continente* que permita a elaboração e simbolização da imagem (Deus, 2012). Uma recusa neste cartão poderá indicar a impossibilidade de introjeção do *continente*.

O cartão II pela bilateralidade da mancha e pela introdução do vermelho, com as suas solicitações emocionais, afetivas e pulsionais (agressivas ou sexuais), induz e põe à prova a expressão de experiências de contacto relacional com o mundo (com a realidade) (Chabert, 1997/2003).

A capacidade de pensar o relacional impõe a existência de um *continente* que possibilite a transformação dos *elementos  $\beta$*  em *elementos  $\alpha$*  e, conseqüentemente, a emergência do pensamento (Deus, 2012). Por outro lado, uma grande sensibilidade ao Dbl mediano pode revelar o vazio deixado pela ausência do *continente* e também a dificuldade do sujeito lidar com esse vazio.

A forma como o sujeito aborda ou evita o vermelho poderá dar conta da incapacidade de elaboração das emoções. O sujeito poderá afastar-se da realidade, que se apresenta como dolorosa, atacando os vínculos no sentido de  $-K$ , impossibilitando desta forma o pensamento e a relação. Por exemplo, o vermelho poderá revelar o impensável se surgir de forma explosiva ou dispersa.

No cartão III o simbolismo dominante resulta da disposição das silhuetas que estão muito próximas da realidade permitindo ao sujeito dar conta da representação de si e da relação de si face ao outro. (Chabert, 1997/2003).

A configuração bilateral da mancha pode pôr em evidência o duplo em que o outro surge como espelho do eu (Chabert, 1997/2003). Este tipo de relação especular remete-nos para um nível de indiferenciação eu/não-eu, interno/externo, em que as experiências emocionais não podem conduzir à introjeção do *continente*, porque este não está efetivamente separado, revelando deste modo que o sujeito se mantém no plano da *bidimensionalidade* psíquica.

Quanto ao cartão IV, o preto e a forma dispersa da mancha obrigam desde logo o sujeito a um trabalho de reorganização psíquica que só pode existir num espaço de contenção que viabilize o pensamento (Deus, 2012).

Simbolicamente a mancha remete para o poder, força e autoridade. Pode desencadear reações positivas ou negativas, na forma como o sujeito se posiciona face à autoridade:

identifica-se com a autoridade (dominação) ou submete-se a ela (submissão). A dinâmica  $Ps \leftrightarrow D$  revelará as possibilidades de simbolização no caso do sujeito se conseguir organizar face à imagem de poder, suscitada pelo cartão (op. cit.).

Este cartão pode pôr em evidência um *superego* maduro que resulta da introjeção da *função continente-conteúdo* ou, se através da *identificação projetiva* patológica surgem imagens potentes com carácter destrutivo, podemos dizer que estamos perante um *superego* severo e destrutivo em relação ao ego.

O cartão V, pelas suas características estruturais, é o cartão que mais se aproxima da realidade objetiva, desencadeando com alguma facilidade respostas banais. Assim, a reação emocional mais habitual é neutra. Contudo, pode ser disfórica no caso de persistir uma reação ansiosa causada pelo cartão anterior ou eufórica revelando uma tentativa de valorização narcísica (Chabert, 1997/2003).

As características maciças e unitárias do estímulo facilitam a apreensão global. O sujeito pode dividir a imagem pelo eixo central colocando em oposição as duas metades ou pode centrar-se nos contornos da imagem. Estas formas de apreender a imagem levantam questões quanto à existência de um *continente* delimitado que integre a unidade psíquica e somática (Deus, 2012).

Em termos simbólicos o cartão apela, por um lado, à capacidade de adaptação à realidade e, por outro lado, ao sentimento de integridade física e psíquica (à unidade do *eu*). A dificuldade em reconhecer a realidade ou incapacidade de simbolizar (por uma ausência total de representação) pode impossibilitar o reconhecimento da identidade global (op. cit.). A realidade pode ser temida pela verdade acerca do próprio que pode trazer à consciência. Por sua vez, a incapacidade de simbolizar pode resultar dos ataques aos vínculos, consequência da insuportabilidade da realidade.

No cartão VI a reação emocional é frequentemente negativa pelo conteúdo latente do cartão (semelhante ao que acontece no cartão IV). Do ponto de vista simbólico, a prancha é saturada de fatores com implicações sexuais e, apesar de bissexuado, são as suas características fálicas que mais se destacam. Contudo, esta ambiguidade sexual obriga o sujeito a um trabalho de organização psíquica no sentido da dispersão para a integração ( $Ps \rightarrow D$ ). A capacidade de pensar só será possível na presença de um *continente* capaz de conter a angústia causada pela

ambiguidade da mancha (Deus, 2012). À semelhança do que acontece no cartão IV a capacidade de pensamento é posta à prova, podendo revelar a existência de vínculos negativos (-K).

No cartão VII, a tonalidade emocional frequentemente neutra ou negativa, resulta do seu aspeto “inacabado” e “desarticulado” que lhe confere uma certa instabilidade e desequilíbrio. Obriga o sujeito a um trabalho de organização do caos causado pelo estímulo (Chabert, 1997/2003).

Quanto ao valor simbólico, trata-se de uma prancha feminina, materna onde o sujeito é confrontado com a sua relação primitiva com a mãe, o *continente* materno. Neste sentido, o vazio central pode ser vivenciado como o colo materno, o *continente*, ou como o vazio deixado na ausência da mãe, que pode ser ou não tolerável para o sujeito. Daí a forma como este irá lidar com o branco.

A presença de cinestésias femininas pode dar conta de uma relação *continente-conteúdo* securizante e a ausência de cinestésias ou imagens com uma carga negativa podem indiciar perturbações nesta relação.

O cartão VIII introduz a cor pastel que apela à comunicação e à troca com o meio exterior e é por isso revelador do tipo de relação que o sujeito estabelece com o meio e da sua maneira de estar no mundo (Chabert, 1997/2003).

Há de facto uma alteração do clima emocional, algo novo que impõe uma mudança catastrófica e que obriga o sujeito a integrar os afetos no pensamento sem se desorganizar (Deus, 2012). Quando o sujeito é capaz de atribuir um significado à experiência emocional provocada pela cor, a reação emocional será positiva, mas a introdução da cor pode ser demasiado perturbadora para o sujeito, gerando uma reação negativa. A reação à cor pode evidenciar a ausência ou a fragilidade da *barreira de contacto*, pela invasão do interno/externo ou da fantasia/realidade.

O branco pode ser integrado na resposta a diferentes níveis, desde o primário destruidor ao mais secundarizado e intelectualizado. Quando o branco é tratado como falta, pode dar conta de uma vivência carêncial. Perante a dificuldade em elaborar os afetos é espectável que o sujeito destaque os D laterais através da resposta animal (banalidade) recorrendo à forma em detrimento da cor (representativa da emoção). A cor pode ainda surgir despojada de afeto, com um carácter distante e frio (op. cit.).

O cartão IX tem um grande impacto emocional no sujeito pelo forte apelo que faz à regressão. Os movimentos regressivos podem ser vividos de forma negativa ou positiva. São vividos de forma negativa quando o sujeito tem dificuldades em lidar com a simbologia pré-genital, surgindo imagens ligadas aos fantasmas da gravidez e do nascimento. Podem ainda surgir respostas cruas ou de deterioração corporal refletindo a fragilidade dos limites interno/externo. Se os movimentos regressivos são vividos positivamente, a capacidade de simbolização permitirá ao sujeito construir imagens criativas onde se podem evidenciar cinestésias com integração da cor (Deus, 2012).

O carácter abstrato do cartão coloca ao sujeito dificuldades na sua leitura. Por um lado, não tem uma configuração estrutural definida podendo ser visto como um cartão fechado, aberto (pelo branco central) e bilateral (na parte superior). Por outro lado, há uma mistura de cores que dá a impressão de interpenetração. Esta relação dinâmica das cores pode favorecer a apreensão global obrigando à organização da imagem em torno do eixo mediano ou pode levar à integração cinestésica das formas e das cores (op. cit).

Seja pela carga simbólica ou pelas suas características estruturais, há geralmente uma grande dificuldade em interpretar a mancha. Tem que existir uma grande capacidade por parte do sujeito em transformar a mancha que é potencialmente geradora de caos, numa imagem com sentido que possa ser transmitida por palavras.

Por fim, temos o cartão X que, por ser o último, remete o sujeito à rutura da situação podendo esta ser vivida como um alívio ou como ferida face à ideia de separação (Chabert, 1997/2003).

A solicitação simbólica do cartão está diretamente associada à centração do sujeito nas cores, na dispersão da mancha ou no branco. Se é a cor que perturba o sujeito, as reações serão semelhantes às descritas nos dois cartões anteriores. As características de dispersão remetem o sujeito para fantasmas de fragmentação, no sentido ( $Ps \leftarrow D$ ). Se o sujeito é sensível a esta problemática, tem dificuldade em unir, tornando-se mais fácil detalhar a mancha (respostas D). No sentido inverso ( $Ps \rightarrow D$ ), surgirão respostas globais reveladoras de uma capacidade intelectual organizadora. A atração pelas cores pode conferir uma tonalidade emocional eufórica (festa) e a centração na dispersão da mancha pode trazer uma tonalidade emocional disfórica (fragmentação).

As respostas podem resultar da associação da cor com as formas indefinidas, no sentido da organização do mundo interno e externo. Irão, portanto, revelar as possibilidades do sujeito construir significados elaborados (op. cit.).

## APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS RORSCHACH

### Análise Cartão a Cartão

No cartão I destacamos a tentativa fracassada de constituir um *continente* capaz de conter a angústia suscitada pela situação catastrófica provocada pelo confronto com o novo (a mancha). A atitude passiva perante o estímulo desencadeia uma resposta de apreensão global. Apesar da resposta se apresentar com qualidade do ponto de vista formal, a sensibilidade às lacunas intermaculares da mancha (“olhos”, “nariz” e “dentes”) e o seu contorno irregular (“contorno aberto da máscara”) colocam em evidência a dificuldade (ou mesmo a impossibilidade) de constituição de um *continente* com limites estáveis que permita a elaboração e a simbolização da mancha. Por um lado, a inclusão do branco (Gbl) na resposta, através da sua interpretação, reflete a necessidade que a S tem de preencher o vazio deixado pela ausência do *continente* e o consequente movimento de fuga da realidade a que o confronto com o vazio obriga. Esta sensibilidade ao branco acaba por dar conta da deficiente articulação *continente-conteúdo* que aparece associada a uma incapacidade de *rêverie*. Por outro lado, o “contorno aberto da mancha” e a incapacidade de destacar a figura do fundo branco, testemunham a inexistência de uma *barreira de contacto* capaz de delimitar o mundo interno e o mundo externo, a fantasia e a realidade. Assim, o mundo externo invade o seu mundo interno através dos órgãos sensoriais. A forma como a resposta é dada (“Sim, pela expressão...É a impressão que me deixa ficar”) revela o apego ao que lhe é transmitido pelos órgãos dos sentidos. Indica a incapacidade de simbolizar que resulta na revelação de dados não processados, em que a “máscara” pode ser vista como a *coisa-em-si-mesma* e não como algo com valor simbólico, constituindo um *protopensamento* que tem que ser evacuado através da *identificação projetiva*. Este movimento constitui uma ameaça à manutenção da relação com a realidade.

Considerando que o cartão representa o confronto com a situação nova, podemos dizer que a resposta dada revela a impossibilidade de reorganização psíquica pela ausência do *continente*. Este não é capaz de conter a experiência emocional provocada pelo estímulo, impossibilitando a atuação da *função simbólica*. O confronto com o vazio transforma a situação Rorschach num lugar de desinquietação, do vazio pela ausência, do não-objeto que reforça a necessidade de procura sem que, no entanto, ele possa ser encontrado, conduzindo à inevitável

fuga da realidade. Desta forma a S não é capaz de converter as impressões sensoriais percebidas, em símbolos, em *elementos α*, que possam ser usados na construção da *barreira de contacto* que deveria separar os conteúdos psíquicos, protegendo o sujeito da confusão típica do estado psicótico.

No cartão II temos que ter em consideração a necessidade de contenção dos afetos suscitados pela introdução da cor vermelha e a forma como é elaborado o relacional mobilizado pela bilateralidade da mancha. Quanto ao primeiro aspeto verifica-se que há uma tentativa falhada de controlar a angústia suscitada pelo vermelho do cartão que faz com que a S dê uma resposta global. Trata-se de uma resposta Gbl em que a figura não se destaca do fundo, revelando a ausência da *barreira de contacto* e sugerindo a invasão da realidade pela fantasia. Esta resposta assenta numa cinestesia interpretativa, contaminada pela projeção de um mau objeto, algo persecutório revelado pelos olhos vistos no vermelho, que traduz movimentos projetivos maciços. Estamos, portanto, perante a evidência da utilização da *identificação projetiva* patológica que ameaça as suas capacidades mentais. Ao mesmo tempo, é dado um conteúdo (Hd) que remete para a imagem de um *continente* fragmentado e hostil, obrigando a uma fuga da realidade através do recurso a uma imagem mítica (“Jesus Cristo”). Trata-se de uma imagem de expiação que é, ao mesmo tempo, uma imagem de onipotência, característica narcísica que revela a dificuldade em reconhecer a realidade do outro como um objeto separado do eu.

Na segunda resposta, o movimento de fuga da realidade leva a S a centrar-se no fundo branco (Db1) procurando encobrir o vazio deixado pela ausência do *continente*, revelado pela impressão de uma “marca” que, não sendo consistente, acaba por desaparecer. O determinante C’F, à semelhança do Gbl da resposta anterior, deixa transparecer falhas ao nível da delimitação interno/externo devido à ausência da *barreira de contacto* que deveria conter e separar os conteúdos psíquicos, evitando a confusão. O “manto”, conteúdo liso e sem profundidade, coloca a S no plano da *bidimensionalidade* psíquica, onde o sujeito e o objeto se confundem. Assim, a S é capaz de utilizar a *identificação projetiva* para colocar fora de si aquilo que não pode suportar e que sem dúvida é causador de um grande “sofrimento”. Porém, não consegue introjetar a representação do objeto *continente* uma vez que este não se encontra efetivamente separado sendo, portanto, impossível constituir um *continente*.

Por fim, a terceira resposta ao cartão (“sangue”), pela centração no vermelho (C) e ausência do determinante formal vem, no mesmo sentido das respostas anteriores, confirmar a ausência do *continente* psíquico que não é capaz de conter e regular o seu fluxo (Sg). Os *elementos β* têm que ser evacuados nem que isso implique a evacuação de partes vitais do sujeito. Não é possível controlar a utilização da *identificação projetiva* que se vai intensificando correndo o risco de esvaziar o sujeito do seu fluxo vital, o “sangue”.

Neste cartão em que o vermelho e a sua estrutura bilateral impõem o relacional, a evolução das respostas ao cartão denuncia uma relação de fusão com o objeto. O facto da S se encontrar no plano da *bidimensionalidade* psíquica, significa que não lhe foi possível introjetar a representação do objeto e, conseqüentemente, não alcança a constituição de um *continente* capaz de conter e transformar as solicitações emocionais, afetivas e pulsionais suscitadas pela introdução do novo, trazido pela cor. A incapacidade de elaboração das emoções impossíveis de conter, leva a S a fugir da realidade causadora de “sofrimento”. O recurso à *identificação projetiva* patológica implica uma relação de confusão e de fusão com o objeto que impede a passagem para a *posição depressiva* onde *self* e objeto efetivamente se separam e se torna possível introjetar a representação do objeto *continente*. A S mantém-se, portanto, ao nível da posição esquizo-paranóide, no plano da *bidimensionalidade* psíquica.

A rápida resposta ao cartão III, com um tempo de latência e de resposta curtos, testemunha a necessidade da S expelir os elementos que não podem ser pensados nem transformados. Não há elaboração porque não há um espaço mental em que os conteúdos psíquicos possam ser pensados e elaborados. Logo, a S despeja “a primeira coisa que me vem à cabeça”. A ausência de um espaço onde os conteúdos possam ser pensados e a impossibilidade de aceder à *função simbólica* resulta numa resposta G simples associada a uma banalidade, em que a abordagem do material se mantém num nível superficial (com o apego às características estruturais) sem que haja um movimento de elaboração, ligação e construção dos elementos da percepção. A resposta sem qualquer valor simbólico revela uma atitude de passividade por parte de S, não por falta de vontade, mas por falta de capacidade para fazer uma abordagem criativa da mancha devido à inoperância da *função α*.

A configuração bilateral da mancha e a aproximação da mesma à realidade objetiva permitem a representação de duas figuras humanas inteiras, dando conta da existência de contacto com a realidade, garantido pela parte não-psicótica da personalidade. Todavia, temos

a imagem de um duplo (“dois nativos”; “duas figuras”) que nos remete para um nível de indiferenciação eu/não-eu, interno/externo. Esta indiferenciação mantém a S no plano da *bidimensionalidade* psíquica resultado a impossibilidade de introjeção do objeto *continente*. A recusa em relação à cor (“os tons de vermelho não me dizem nada”) surge como reflexo do impacto que esta teve no cartão anterior e que persiste. Ao mesmo tempo, reflete a impossibilidade de atribuir sentido à experiência emocional resultante do encontro com o estímulo. No inquérito dos limites parece haver uma procura de um *continente* que se manifesta através das “caçarolas” (recipientes). Estas são vistas sobre uma “espécie de lareira”, vista no cinzento, que parece ser uma imagem sem atividade e fria, impossibilitando a *função de contenção*.

Neste cartão cujo simbolismo dominante mobiliza a capacidade de diferenciação de silhuetas humanas vemos que não existe um corte completo do contacto com a realidade graças à parte não-psicótica da personalidade. Apesar de se verificar a procura do *continente*, este mostra-se impossível de constituir pois não existe um espaço psíquico capaz de conter, transformar e simbolizar os seus conteúdos através da *função α*. Mais uma vez se constata que existem falhas graves relacionadas com a impossibilidade de introjeção do objeto *continente* que impedem o sujeito de aceder ao plano da *tridimensionalidade*, isto é, ao domínio do simbólico, da representabilidade do objeto e dos pensamentos.

No cartão IV, perante a forma dispersa da mancha, a S procura dar-lhe alguma coesão que lhe permita reorganizar-se psiquicamente. Agarra-se a uma imagem conhecida “O Sky. Fez-me lembrar o meu cão” e às características percetivas da mancha (FE). É neste cartão, que simbolicamente remete para uma imagem de poder, que surge a única resposta esbatimento do protocolo. Este esbatimento de textura revela a instabilidade dos limites psíquicos que falham na contenção da realidade externa. Além disso, a imagem parcializada (Ad), com contornos indefinidos, põe em evidência a ausência de um *continente* psíquico bem delimitado e definido que seja capaz de conter a angústia resultante do impacto da mancha. Este aspeto resulta do contacto com a realidade e dá conta do insucesso do esforço de reorganização psíquica inicial. A questão dos contornos mal delimitados e da sensibilidade ao esbatimento da mancha remete-nos para a ausência de uma *barreira de contacto* capaz de separar a realidade interna e a realidade externa, o eu e o não-eu.

Por outro lado, a resposta é dada sem qualquer ressonância com o conteúdo latente do cartão, o que é um forte indicador da ausência das capacidades para pensar e simbolizar face à inexistência de um espaço mental onde a *função  $\alpha$*  possa operar. As dificuldades mencionadas impossibilitam, portanto, a S de se posicionar face à imagem de poder suscitada pelo conteúdo latente do cartão, deixando apenas passar uma imagem “indefinida”.

Apesar das dificuldades de elaboração, este é apresentado na prova das escolhas como um dos cartões de que a S mais gosta, o que pode estar relacionado com o facto de se conseguir apegar a algo familiar, criando assim a fantasia de diminuir o impacto desorganizador do desconhecido. Este movimento constitui uma forma de fuga à realidade relacionada com a incapacidade de lidar com a imagem de poder.

A ausência de tempo de latência no cartão V, associada a um tempo de resposta curto, reflete as falhas ao nível da *função  $\alpha$*  que explicam a incapacidade de pensar e simbolizar os *conteúdos*. Mais uma vez, verificamos que não existe um espaço mental em que os conteúdos psíquicos possam ser pensados e elaborados pelo que o sujeito dá a resposta “Deve ser o que toda a gente diz”. Em consonância com o carácter fechado e unitário da mancha surge uma resposta G simples associada a uma banalidade. Esta poderá refletir a possibilidade de contacto com a realidade através da parte não-psicótica da personalidade.

A cinestesia animal (“um morcego em pleno voo”) parece resultar de uma fantasia onipotente de valorização narcísica, que pretende mascarar a forma de lidar com a realidade. Apesar da cinestesia, não há esforço de elaboração ou construção. Não parece tratar-se apenas de uma atitude passiva por opção, mas antes de uma passividade que resulta da incapacidade para uma abordagem criativa da mancha. Existe ainda uma estranheza que surge no inquérito, refletida nas “orelhas um bocadinho maiores do que o normal” que nos faz pensar numa pseudo-adaptação à realidade forçada pelas características estruturais do cartão que se impõem, mas não podem ser transformadas, dando lugar a uma imagem destituída de valor simbólico.

À semelhança do que acontece no cartão III, o apelo à capacidade de adaptação à realidade, revela que não existe um corte completo do contacto com a ela graças à parte não-psicótica da personalidade. Porém, continuamos a verificar a impossibilidade de atribuir sentido à mancha através da ação da *função simbólica*. Parecem evidentes as falhas na aquisição da *função  $\alpha$* , sem a qual o sujeito fica incapacitado de pensar e simbolizar e fica exposto a fenómenos mentais que podem conduzir à psicose.

A reação emocional ao cartão VI, refletida no comentário objetivo “Este é mórbido para mim”, é claramente negativa. Perante o carácter ambíguo, bissexuado, do cartão, a S não se consegue organizar mantendo-se num estado de dispersão que faz surgir uma resposta G associada a um engrama de má qualidade formal (“gato atropelado”) – *elementos  $\beta$* . Este tipo de resposta revela a dificuldade em manter a dialética entre o mundo interno e o mundo externo, entre a realidade e a fantasia devido à ausência da *barreira de contacto* que deveria delimitar o espaço psíquico. O fracasso dos limites assinala um pensamento com barreiras inoperantes. Neste caso, a realidade é mesmo substituída pela fantasia (“como se fosse um cartoon, um desenho animado”) anulando assim o risco do contacto com a verdade temida (conhecimento acerca do próprio). Assim, os vínculos são atacados no sentido de  $-K$  impossibilitando o pensamento e a relação com o mundo/realidade, permitindo que a realidade seja tomada pelos conteúdos fantasmáticos.

Por outro lado, a confusão entre o interno e o externo está presente no inquérito, na forma como a S descreve as partes do corpo do animal. Descreve a cabeça com um maior detalhe e do “resto do corpo” apenas destaca a “coluna”, uma parte interior do corpo, como se fosse igual a qualquer uma das partes exteriores descritas. A fronteira entre o interno e o externo mal delimitada, evidencia a falha nos contornos do *continente* psíquico e a ineficácia do vínculo *K*. De qualquer modo, a “coluna” poderá constituir uma tentativa falhada de criação de suporte/*continente* para a angústia suscitada pelo cartão. Não obstante apresentar um conteúdo animal, pensamos que este tipo de resposta manifesta uma angústia de fragmentação, própria da posição esquizo-paranóide, que inviabiliza a abordagem do real de forma adaptada.

A inviabilização da abordagem do real e a incapacidade para pensar e simbolizar revelam a existência de vínculos negativos ( $-K$ ) que impedem a S de passar de um estado de dispersão (*Ps*) para um estado de integração (*D*), mantendo-se portanto na posição esquizo-paranóide.

No cartão VII a tonalidade emocional negativa é visível nos comentários feitos no início e no final da apresentação da prancha (“Este é indefinido. Não me diz nada, Não me faz lembrar nada... Mas continua a ser qualquer coisa que não me diz nada”) e também na escolha deste cartão como sendo um dos que a S menos gostou. Perante o desequilíbrio da mancha há uma dificuldade de organização do caos patente na espécie de recusa que constituem os comentários feitos e no choque revelado pelo aumento significativo do tempo de latência. Assim, estas formas de recusa e choque revelam o bloqueio do processo associativo e a impossibilidade de

transformar a experiência emocional resultante do encontro com a mancha através ação da *função  $\alpha$* . O tempo de latência elevado dá ainda conta do vazio, provavelmente despertado pela lacuna central da mancha, que não é tolerado pela S pois na primeira resposta que dá ao cartão (“duas crianças a beijarem-se”), procura arbitrariamente anulá-lo. Neste cartão que impele o sujeito a relacionar-se com o materno, onde devia estar o colo materno (lacuna intermacular) está um vazio intolerável que representa a ausência do *continente* materno. Então, a S utiliza uma cinestesia delirante, tomando como real a “possibilidade” de anular o vazio. Esta resposta revela a existência de uma *tela  $\beta$*  composta por *elementos  $\beta$*  que têm que ser colocados fora do sujeito sob a forma de delírios ou alucinações e que são utilizados pela S de forma convicta. Estes elementos não podem mesmo ser transformados pois não são apenas *elementos  $\beta$*  puros, têm uma dimensão ainda mais assustadora. A este nível, as palavras assumem-se como a *coisa-em-si-mesma* e a fantasia é considerada como um facto em si mesmo que não pode ser diferenciado da realidade. Na resposta assiste-se mesmo à perda da noção de espaço, característica de um espaço mental *unidimensional*.

Há uma passagem brusca da imagem de duas crianças para duas figuras petrificadas que parece anular qualquer possibilidade de relação através do ataque aos vínculos de ligação, impossibilitando relações de amor, ódio e conhecimento. Ao mesmo tempo, o conteúdo desvitalizado e petrificado confirma a impossibilidade de introjeção do *continente*, igualmente visível nas duas respostas, pela presença de imagens duplas indiferenciadas (“duas crianças”; “duas gárgulas”). Por outro lado, temos uma resposta D F- que surge como fuga ao real (que expõe o vazio deixado pelo *continente* - verdade) e deixa transparecer o ataque aos vínculos no sentido inverso do *conhecimento* (-K) que acaba por impossibilitar o pensamento e a relação com o exterior. Nesta resposta a imagem revela duas figuras que visam a proteção do templo (“gárgulas”), sugerindo uma procura de proteção, face ao exterior que invade o seu mundo interno, pela ausência de uma barreira (*barreira de contacto*) que delimite os dois mundos.

Neste cartão, com uma forte simbologia materna, encontramos uma angústia relacionada com a ausência do *continente* materno que a S procura arbitrariamente anular, pela impossibilidade em lidar com o vazio. As imagens duplas remetem-nos para um nível de indiferenciação eu/não-eu, interno/externo, em que as experiências emocionais não podem conduzir à introjeção do *continente* porque este não está efetivamente separado, sugerindo que o sujeito se mantém no plano da *bidimensionalidade* psíquica. No entanto, a atividade delirante coloca dúvidas sobre o espaço mental que parece resvalar para o plano da *unidimensionalidade*.

Nesta forma arcaica de espaço mental há uma ausência completa de diferenciação e de espaço entre o eu e o outro, entre a fantasia e a realidade. O que predomina é a fantasia, havendo um corte total com a realidade. A fantasia é a coisa e o sujeito acredita que o delírio ou a alucinação é real. Seja como for, o cartão reflete graves falhas na construção do espaço mental que tornam impossível a atribuição de sentido ao material.

A introdução das cores pastel no cartão VIII constitui uma alteração do clima emocional, impondo uma mudança catastrófica, que obriga à integração dos afetos no pensamento. A resposta revela a enorme dificuldade que a S tem em integrar os afetos sem se desorganizar. Podemos vê-lo na indefinição inicial da resposta (“qualquer coisa indígena”) que mesmo quando nomeada se mantém abstrata, sem delimitação bem definida (“um padrão”), pondo em evidência a ausência da *barreira de contacto*, confirmada pelo modo de apreensão (Gbl) e determinante (CF), em que figura e forma não se destacam do fundo. Devido à ausência da *barreira de contacto* a S não é capaz de distinguir o eu do não-eu, o interno do externo ou a realidade da fantasia, isto é, não consegue estabelecer a dialética psicológica. O G impressionista, que surge associado ao determinante sensorial CF, revela o apego aos dados fornecidos pelos sentidos que, não podendo ser traduzidos, são vividos como a *coisa-em-si-mesma*, sugerindo a existência da *tela  $\beta$*  no lugar da *barreira de contacto*. É curioso como no inquérito a S se concentra num detalhe Dd (“traços que me fazem lembrar fios”) para tentar explicar a forma como chegou à resposta, revelando uma certa bizzaria do pensamento, própria duma atividade delirante. Desta forma verificamos que as palavras adquirem uma dimensão concreta, são a *coisa-em-si-mesma*, “um padrão muito indígena”. Não podem ser outra coisa pois não têm qualquer valor simbólico. À semelhança do que acontece no cartão II, surge um conteúdo liso (“tecido”), revelador da ausência de profundidade psíquica. A S está no plano da *bidimensionalidade* psíquica, onde sujeito e objeto se confundem o que impossibilita a introjeção do objeto e a aquisição da *função continente*.

O impacto do primeiro cartão pastel, que apela à comunicação com o meio, revela a impossibilidade de estabelecer a dialética psicológica entre o interno e o externo e entre a realidade e a fantasia. A substituição da *barreira de contacto* pela *tela  $\beta$*  dá lugar a um estado mental confuso. O acúmulo dos *elementos  $\beta$*  não transformados intoxica o espaço psíquico e leva à intensificação da *identificação projetiva* que se manifesta através de uma certa bizzaria do pensamento e da utilização de uma linguagem sem significado. Não é difícil de perceber

porque é que a S diz ter gostado menos deste cartão, por lhe fazer lembrar coisas de que não gosta. O contacto com a realidade externa, trazida pela mancha, provocou uma experiência emocional negativa, à qual a S não conseguiu atribuir um significado que lhe permitisse integrá-la no seu aparelho psíquico.

Na resposta ao cartão IX persiste o efeito desorganizador do cartão anterior, acrescido das dificuldades impostas pelas características estruturais da mancha que dificultam ainda mais o trabalho de reorganização psíquica no sentido da coesão e do conhecimento ( $P_s \rightarrow D$ ). É provavelmente por essa razão que o tempo de latência aumenta de novo. Apesar do seu esforço em organizar uma resposta em torno de um eixo central (“ombros”, “pescoço” e “cabeça”) o resultado é uma resposta global de má qualidade formal. Este tipo de resposta põe em evidência a ausência da *barreira de contacto* que deveria delimitar o espaço psíquico. Deste modo, o sujeito é impedido de manter as relações dialéticas entre o mundo externo e o mundo interno e entre a realidade e a fantasia. Mais uma vez, o conteúdo (Hd) vem demonstrar a necessidade de retirada da realidade através do recurso a uma imagem irreal (“monstros perfeitos”). A realidade é substituída pela fantasia, anulando assim o risco do contacto com a verdade ( $O$ ) que a S não parece estar preparada para conhecer. Assim, os vínculos são atacados no sentido de  $-K$  impossibilitando o pensamento e a relação com o mundo/realidade.

No inquérito, a S descreve a “cabeça” como uma “caveira”, um *continente* desvitalizado e vazio. Este tipo de conteúdos testemunham a impossibilidade de introjeção do *continente*, remetendo o sujeito para o plano da *bidimensionalidade* psíquica. O espaço mental da S apresenta-se sem vitalidade psíquica, com capacidades diminuídas para pensar e significar.

Neste cartão com uma forte solicitação simbólica à regressão, a inexistência da *barreira de contacto* permite que os elementos do inconsciente invadam o consciente, sem que a S esteja preparada tal. Assim, o movimento regressivo é absolutamente desorganizador. Acaba por levar a S a atacar os vínculos de forma a bloquear o acesso ao conhecimento que lhe permitiria chegar a  $O$ , à verdade original. Dá-se, portanto, a reversão do processo de crescimento mental pelo que a S não é capaz de passar do estado de dispersão ( $P_s$ ) para um estado de integração ( $D$ ).

A solicitação simbólica do cartão X leva a S a centrar-se na dispersão da mancha (“uma pessoa em queda... que traz tudo atrás de si, de arrasto”) revelando a existência de fantasmas de fragmentação que refletem o estado fragmentado da própria mente. Este estado de fragmentação resulta da utilização excessiva da *identificação projetiva* patológica, através da

qual o sujeito expelle não só os *protopensamentos* mas também fragmentos da personalidade, acabando por esvaziar progressivamente as capacidades do *ego*. A cinestesia interpretativa traduz os movimentos projetivos maciços que acabam por causar prejuízo à percepção, ao pensamento e ao conhecimento.

A resposta global com apego à configuração bilateral da mancha deixa perceber a indiferenciação eu/não-eu. A imagem em espelho é a expressão das relações de objeto fusionais. Isto significa que a S se mantém na *posição esquizo-paranóide* pois não atingiu um nível de separação que lhe permitisse introjetar a representação do objeto total, desenvolvendo assim a *função continente*. O nível de diferenciação a que acedeu, apenas lhe permite utilizar a *identificação projetiva* como forma de colocar no objeto os pensamentos que não podem ser pensados, mantendo-a no plano da *bidimensionalidade* psíquica. O sujeito que vive num mundo *bidimensional* não tem como organizador mental a *função simbólica* ficando assim impedido de transformar (através da *função  $\alpha$* ) a experiência emocional em elementos que possam ser usados em pensamento na formação de respostas criativas.

Apesar da tentativa de dar uma resposta unificada, no inquérito, a S discrimina os elementos (D) que deram origem à resposta, deixando transparecer a dificuldade em organizar a mancha dispersa. Perante impossibilidade de desenvolvimento do *aparelho para pensar os pensamentos*, a mente é incapaz de ordenar a aleatoriedade da mancha. Assim, a imagem de queda associada à ausência do objeto *continente*, faz-nos pensar na impossibilidade de preencher o vazio interno e no risco de ceder à aleatoriedade dos delírios e alucinações, caindo no nada do *buraco-negro*.

Curiosamente este é um dos cartões que a S escolhe como sendo um dos seus preferidos pela atração e familiaridade com o movimento de queda. Pensamos que esta escolha revela um movimento de fuga da realidade associada ao vazio impossível de suportar, deixado pela ausência do *continente*. Desta forma, a S procura preencher o vazio numa luta contra a derradeira queda no *buraco-negro*.

### **Análise do Psicograma**

Na análise do psicograma destacamos uma produção de respostas reduzida (13) fornecida num tempo também reduzido (10'15"). O tempo de latência médio apresenta-se baixo (9"). Indica

a necessidade do sujeito expelir os *elementos*  $\beta$  que não pode transformar, devido à incapacidade para pensar e simbolizar resultante da inoperância da *função*  $\alpha$ . A S revela grandes dificuldades na elaboração das manchas. Deparamo-nos frequentemente com a ausência de um espaço mental onde os *conteúdos* psíquicos possam ser pensados, mentalizados e elaborados.

Quanto aos modos de apreensão, temos uma predominância de G (69%), presente em nove dos dez cartões. Estas respostas resultam das tentativas (mal sucedidas) de reorganização psíquica face às características inquietantes e desorganizadoras das manchas. As poucas respostas D existentes (23%) não traduzem movimentos de procura e de elaboração das manchas, o que está associado à impossibilidade de aceder à *função simbólica*.

Da totalidade das respostas G, três são Gbl. Revelam falhas na delimitação interno/externo, pela ausência da *barreira de contacto* que deveria conter e separar os conteúdos psíquicos. A ausência de delimitação é suportada por uma série de outros procedimentos: o F% baixo (31%); a predominância de F- (75% do F total); a única resposta kan (cartão V); os dois conteúdos (Hd). Quando a *barreira de contacto* não se constitui há uma invasão do mundo interno pelo mundo externo através dos órgãos dos sentidos e uma invasão da realidade pela fantasia. Esta falta de delimitação faz com que a S seja hipersensível ao que vem do exterior, desorganizando-se com facilidade. Ao mesmo tempo, torna-se incapaz de distinguir a fantasia da realidade. As respostas Gbl refletem ainda a dificuldade que a S tem em lidar com o vazio deixado pela ausência do *continente* obrigando a um movimento de fuga desta realidade difícil. O vazio é insuportável pelo que esconde, por ser o lugar da ausência do objeto. A sua interpretação pretende delimitá-lo, contê-lo e restringi-lo.

Destacamos ainda as respostas G e D que surgem associadas a más formas (F-). Estas respostas confirmam a ausência da *barreira de contacto* e permitem-nos verificar que frequentemente a fantasia se sobrepõe à realidade (cartões VI, VIII e IX). Este comprometimento da realidade resulta de um movimento de fuga que pretende anular o risco do sujeito entrar em contacto com a verdade (*O*) que não pode suportar. Por essa razão os vínculos, que poderiam conduzir ao conhecimento, são atacados, impossibilitando o pensamento e a relação com o exterior.

No que respeita às cinestésias, maioritariamente de má qualidade, podemos dizer que dão conta da impossibilidade em constituir um *continente* capaz de conter e elaborar *conteúdos* e experiências emocionais resultantes do contacto com as manchas. Estas põem em evidência não só a ausência da *barreira de contacto*, como a sua substituição por uma *tela*  $\beta$  que deixa transparecer

uma forma bizarra de pensar, característica da atividade delirante. As cinestésias revelam ainda a intensificação da *identificação projetiva* patológica que acaba por resultar na fragmentação do aparelho psíquico (visível no sobretudo no cartão X) e no esvaziamento progressivo das capacidades do *ego*, com prejuízo da percepção, do pensamento e do conhecimento.

Quanto às respostas cor, destacamos o facto de surgirem em cartões que introduzem o novo através da cor (II, VIII), pondo à prova a expressão de experiências de contacto relacional com o mundo. À semelhança do que acontece com as respostas que apresentam sensibilidade ao branco, as respostas cor põem em evidência a ausência da *barreira de contacto* capaz de separar os *conteúdos* psíquicos e a impossibilidade de constituir um *continente* que contenha eficientemente as experiências emocionais resultantes do contacto com os estímulos sensoriais. A experiência *emocional* não pode ser transformada, restando-lhe a expulsão através da *identificação projetiva*.

Apesar da variabilidade, destacamos os conteúdos parcializados (Hd) e Ad que dão conta dum *continente* fragmentado, incapaz de exercer a *função continente*. Os mesmos conteúdos (Hd) deixam perceber o movimento de fuga da realidade pelo recurso a imagens irrealis. Há uma necessidade de substituir a realidade pela fantasia, anulando assim o risco do contacto com a verdade (*O*) que a *S* não é capaz de suportar. Os conteúdos lisos, reveladores da ausência de profundidade psíquica (Obj, Vest), remetem para o plano da *bidimensionalidade* onde o sujeito e o objeto se mantêm num estado de fusão e confusão, tornando-se impossível a introjeção do objeto *continente* e a aquisição da *função continente*. É curioso que a *S* coloca, em diferentes tipos de conteúdos, a cabeça em destaque (I, II, IV, VI, VII, IX). Estas respostas revelam com frequência o vazio psíquico deixado pela impossibilidade de constituir um *continente*, cuja representação não pôde ser introjetada.

Quanto aos elementos qualitativos, destacamos as duas banalidades (III, V), que parecem evidenciar a existência de uma ponte de ligação com a realidade, tornada possível pela parte não-psicótica da personalidade. Contudo, o facto de resultarem do apego perceptivo às características estruturais das manchas e de surgirem desinvestidas de valor simbólico, dá-nos conta de um tipo de abordagem superficial. Este facto remete para a incapacidade de transformar as percepções e atribuir sentido à experiência emocional resultante do contacto com o material, associada às falhas ao nível da *função  $\alpha$* . No mesmo sentido vão as observações cor (III, VIII) que, conjuntamente com a reação à cor vermelha do cartão II, revelam o impacto que as impressões sensoriais têm na *S* e a impossibilidade de transformar as experiências emocionais que daí resultam. Destacamos as duas reações “choque” (VII, IX) relativas ao

aumento significativo do tempo de latência que nos reenviam para a dificuldade em lidar com o vazio deixado pela ausência do *continente*. Esta reação é mais evidente no cartão VII, embora no IX possa ser vista como consequência do efeito desorganizador que a ausência do *continente* tem na (in)contenção das emoções resultantes do impacto do cartão anterior (introdução das cores pastel). No que concerne aos comentários objetivos (VI, VII), destacamos o facto de surgirem em dois cartões cuja tonalidade emocional é negativa, obrigando à fuga da realidade, que se revela através da prevalência da fantasia.

Em termos globais, procuramos agora um olhar sobre alguns dos elementos característicos dos protocolos psicóticos evidenciados por Chabert (1998/2000). Em primeiro lugar, destacamos as dificuldades de atenção e concentração que resultam da necessidade de descontinuidade, imposta pela obrigação de rutura. No protocolo em análise estas dificuldades manifestam-se através: a apreensão percetiva do material, que se revela predominantemente global e a indiferenciação figura/fundo (I, II, VIII). Estes modos de apreensão põem em evidência o vazio deixado pela ausência do *continente* e a fragilidade dos limites, que dificulta a manutenção da dialética interno/externo e fantasia/realidade.

A dissociação que dá conta da rutura das ligações (ou dos vínculos), entre acontecimentos, pensamentos e afetos, manifesta-se através de bloqueios do processo associativo. No protocolo encontramos equivalentes de recusa (III, VII), choques (VII, IX) e algumas respostas desprovidas de sentido (I, III, V) que são reveladoras do ataque aos vínculos no sentido inverso do conhecimento (-K). Existem respostas humanas fragmentadas (II, IX) e imagens de fragmentação (X), testemunhas da inexistência de um *continente* que permita o desenvolvimento do pensamento num espaço psíquico bem delimitado, garantindo a coesão interna. Por fim, destacamos as respostas humanas percebidas em duplo (III, VII, X). Estas remetem para um nível de indiferenciação eu/não-eu, cujo *continente* não pode ser introjetado porque não está efetivamente separado, revelando a limitação do espaço psíquico do sujeito, dentro do plano da *bidimensionalidade*.

As dificuldades ao nível do raciocínio e da conceptualização são tributárias da falha do trabalho de ligação, determinado pela intensificação da *identificação projetiva* patológica, visível no protocolo sobretudo nos cartões em que a cor tem um forte impacto (II, VIII, X). Segundo Bion a *identificação projetiva* patológica acaba por criar ruturas no aparelho psíquico resultantes dos ataques aos vínculos em geral e agravadas pelos ataques aos elos de ligação entre a atividade pensante e o objeto pensado (cit. por Chabert, 1998/2000).

## DISCUSSÃO

Após a leitura e análise do protocolo, procederemos a uma discussão dos conteúdos destacados através da técnica utilizada, em articulação com as propostas teóricas elaboradas no sentido da compreensão da psicose, tomando por base as dimensões de análise definidas como objetivo do presente estudo.

Para compreendermos o modo de funcionamento mental do sujeito psicótico, torna-se necessário identificar as falhas decorrentes da não aquisição das funções fundamentais para o desenvolvimento do *aparelho para pensar os pensamentos*. Os processos do pensamento apenas podem ocorrer de forma harmónica se as funções necessárias tiverem sido adquiridas pelo sujeito e se este tiver a oportunidade de as desenvolver, recorrendo a elas no seu dia-a-dia.

Na análise do protocolo identificámos procedimentos que nos remetem para as falhas na aquisição da função mais básica do pensamento, a *função  $\alpha$* . Da introjeção da *função  $\alpha$* , depende a capacidade de alfabetização dos dados sensoriais, base do desenvolvimento das capacidades para pensar e simbolizar. A *função  $\alpha$*  vai sendo adquirida e integrada no aparelho para pensar através da aprendizagem com a experiência emocional (Bion, 1962/2003). No caso da S, verificámos existirem falhas a este nível. Em alguns momentos do protocolo encontramos manifestações reveladoras do bloqueio do processo associativo e da impossibilidade de pensar, transformar e atribuir sentido à experiência emocional (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009; Fonseca, 2012). Verificou-se que os *elementos  $\beta$*  tinham que ser expelidos através da *identificação projetiva*, pela impossibilidade de os transformar e significar.

Estas dificuldades foram observadas no Rorschach através de diferentes procedimentos. No protocolo encontramos G simples associados a banalidades (III, V), cuja abordagem superficial resulta do apego às características estruturais das manchas. O tempo de latência médio baixo, particularmente baixo ou nulo nos cartões I, III e V, revela a necessidade de expelir os elementos que não podem ser pensados. O G impressionista, acompanhado do determinante sensorial (VIII), sugere o impacto desorganizador dos afetos e da experiência emocional provocada pelo contacto com o material. Os elementos não transformados invadem então o espaço psíquico do sujeito. A análise destes procedimentos permite-nos concluir que não existe movimento de elaboração, ligação e construção dos elementos da percepção porque

não existe um espaço mental onde os conteúdos psíquicos possam ser pensados e elaborados. Mesmo que a *função  $\alpha$*  exista, esta mostra-se inoperante. Não é capaz de transformar os *elementos  $\beta$*  em *elementos  $\alpha$*  utilizáveis na construção de narrativas. Assim, a S é obrigada a recorrer à *identificação projetiva* como forma de colocar fora de si as sensações e emoções mantidas em estado bruto, sob a forma de *coisas-em-si-mesmas*.

Os *elementos  $\alpha$* , combinados, formam a *barreira de contacto*. Em situações normais, esta barreira exerce as importantes funções de demarcar o contacto, separação e intercâmbio entre o inconsciente e o consciente, entre o mundo interno e o mundo externo e entre a realidade e a fantasia, impedindo que cada um invada o outro. Segundo Bion (1962/2003, p. 16), a delimitação dos mundos “preserva a personalidade daquilo que virtualmente se considera um estado psicótico”. Assim, uma inoperância da *função  $\alpha$*  compromete a constituição dos limites protetores da personalidade.

No protocolo analisado foram identificadas falhas na constituição da *barreira de contacto*. A presença de um número considerável de Gbl (I, II, VIII) com a interpretação do branco e as respostas C’F (II) e CF (VIII) cuja forma não se destaca do fundo, sugerem uma invasão do mundo interno pelo externo e da realidade pela fantasia. Devido à ausência ou disfuncionalidade da *barreira de contacto*, a S não consegue estabelecer a dialética psicológica. Deste modo, surgem respostas G F-, D F- (VI, VII, IX) reveladoras do fracasso dos limites. Temos ainda a cinestesia delirante no cartão VIII e os conteúdos (Hd) (II, IX) a indicar o domínio do polo da fantasia sobre o da realidade. Em termos quantitativos, o F% baixo e a predominância de F- confirmam esta tendência. Todos estes procedimentos revelam uma retirada da realidade e indiferença entre real e imaginário devido à ausência da *barreira de contacto* (Godinho, Marques, & Pinheiro, 2009; Soares, 2007). O fracasso dos limites assinala um pensamento com barreiras inoperantes, impedindo a S de manter a dialética psicológica. O seu espaço psíquico torna-se um campo de invasões constantes de elementos impossíveis de diferenciar. Assiste-se à invasão do mundo interno pelo mundo externo, através dos órgãos sensoriais, e à indistinção entre fantasia e realidade, levando a S a acreditar na fantasia como factual. Não estando a S preparada para tal, a sua consciência é invadida pelos elementos do inconsciente reativados pelos conteúdos simbólicos dos cartões. Desta forma, o Rorschach revela-se extremamente desorganizador.

Mesmo que a *função  $\alpha$*  se desenvolva, o sujeito não pode utilizar os *elementos  $\alpha$*  sem se ter desenvolvido a relação *continente-conteúdo* (Ferro, 2005). A introjeção da *função*

*continente*, tão importante para o desenvolvimento do aparelho mental, só é possível através da experiência satisfatória da relação *continente-conteúdo*. Sem a atuação da *função continente* o sujeito não é capaz de conter os conteúdos psíquicos, gerados pela mente, nem pode desenvolver a *função simbólica*, essencial para utilizar os *elementos  $\alpha$* . Segundo Bion (cit. por Marques, 1999), o processo de formação de símbolos está associado à capacidade para pensar desenvolvida na relação *continente-conteúdo*. Do mesmo modo, só numa relação *continente-conteúdo* o sujeito consegue integrar e elaborar a experiência emocional (resultante do contacto com a realidade), transformando-a através da simbolização.

No Rorschach, verificámos através dos procedimentos de análise a existência de falhas ao nível da aquisição da *função continente*. No cartão II a resposta C (II), associada ao conteúdo Sg, remete para a fragilidade do *continente* que deixa escapar o seu fluxo. No mesmo cartão é dada uma resposta (Hd) sugerindo a imagem de um *continente* fragmentado e hostil. A S não é capaz de constituir um *continente* funcional capaz de conter e transformar as experiências emocionais desencadeadas pelo material. Quanto aos conteúdos, são de destacar os conteúdos lisos (II, VIII) e sem profundidade psíquica e o conteúdo petrificado e desvitalizado (VII). Estes testemunham a impossibilidade de introjeção do *continente*, remetendo o sujeito ao plano da *bidimensionalidade* (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009). Neste mesmo sentido, estão presentes no protocolo imagens de duplos (III, VII, X), sugerindo a indiferenciação eu/não-eu traduzida na impossibilidade de introjeção do *continente* e conseqüente *bidimensionalidade* do espaço psíquico do sujeito. Estas limitações do espaço psíquico, de uma maneira ou de outra, acabam por estar patentes na maioria dos cartões (I, II, III, VII, VIII, X).

O sujeito e o objeto encontram-se num estado de fusão não permitindo a introjeção da representação do objeto, constituindo assim o *continente*. Este estado de fusão é gerador de confusão pois impede a diferenciação eu/não-eu e interno/externo. Isto significa que não existe um espaço entre o *conteúdo* mental e o *continente*. Segundo Grotstein (2003, p. 153), “sem esse espaço temos a concretude ou mesmo a psicose...”. Esta ausência de espaço coloca dúvidas acerca da dimensionalidade psíquica. A possibilidade de utilização da *identificação projetiva* permite-nos concluir acerca do plano da *bidimensionalidade* da S. Todavia, ocasionalmente ela resvala para o plano *unidimensional* onde parece haver uma ausência completa de espaço entre o sujeito e o objeto. No plano da *bidimensionalidade*, onde a S se encontra, existe uma diferenciação a um nível superficial (sensorial) e não nas suas qualidades psíquicas de profundidade (op. cit.). Esta diferenciação rudimentar do objeto, própria da *posição esquizo-*

*paranóide*, não é suficiente para a introjeção do *continente*, impedindo a S de aceder ao plano da *tridimensionalidade* e conseqüentemente ao simbólico.

Através da capacidade de *rêverie* e dentro da relação *continente-conteúdo*, a *identificação projetiva* assume um papel comunicacional fundando as possibilidades de diferenciação. A *função continente* assegura a capacidade de conter no espaço mental as emoções não transformadas. Assim, a disfunção da *função continente* conduz à intensificação patológica da *identificação projetiva*, deixando esta de funcionar como uma forma privilegiada de comunicação com o objeto. Transforma-se numa forma de expulsão dos *conteúdos* que não podem ser contidos com prejuízo do aparelho mental e da percepção, do pensamento e do conhecimento (Wieland, 2013). Este mecanismo patológico inviabiliza o crescimento mental.

No protocolo Rorschach, a *identificação projetiva* patológica manifesta-se sobretudo pela presença de cinestésias interpretativas (II, X) reveladoras de movimentos projetivos maciços (Deus, 2012; Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009). A primeira cinestesia deste tipo surge contaminada pela projeção do mau objeto e a segunda pelos fantasmas de fragmentação. Esta reflete o estado de fragmentação da própria mente resultante da utilização excessiva da *identificação projetiva* patológica. Quando este mecanismo se torna patológico o sujeito expelle, não só os *protopensamentos* mas também fragmentos da personalidade, acabando por esvaziar progressivamente as capacidades do ego, ficando o vazio mental. É ainda de referir a forma como a única resposta C pura aparece no cartão II. A sequência de respostas põe em evidência a intensificação da *identificação projetiva* patológica. Esta resposta em conjunto com as observações cor (III, VIII) revelam a impossibilidade de transformar as experiências emocionais resultantes do contacto com a cor, obrigando à sua expulsão através da *identificação projetiva*. A intensificação da *identificação projetiva* patológica causa dificuldades ao nível do raciocínio e da conceptualização. Segundo Bion, a *identificação projetiva* patológica acaba por criar ruturas no aparelho psíquico resultantes dos ataques aos vínculos em geral e agravadas pelos ataques aos elos de ligação entre a atividade pensante e o objeto pensado (Chabert, 1998/2000).

Quando a relação *continente-conteúdo* funciona no sentido inverso do desenvolvimento psíquico, pode ocorrer a inversão da *função  $\alpha$*  com a conseqüente formação da *tela  $\beta$*  composta por *objetos bizarros*. Estes são uma espécie de *elementos  $\beta$* , acrescidos de aspetos da personalidade reintrojados e de partes do objeto, podendo tornar-se ameaçadores para o sujeito (Fabião, 2007; Symington & Symington, 1997/1999). Apesar deste tipo de *conteúdos*

não ser muito evidente no protocolo estudado, encontramos logo no cartão I a “máscara” como o resultado do apego aos dados fornecidos pelos sentidos, apresentados como a *coisa-em-si-mesma*. As palavras dos psicóticos adquirem uma dimensão concreta pois são destituídas de valor simbólico. O G impressionista, associado a um determinante sensorial (VIII), sugere a presença da *tela β* em vez da *barreira de contacto*. A bizarria do pensamento é revelada pelo detalhe Dd apresentado no inquérito (no mesmo cartão). Por outro lado, temos uma cinestesia delirante (VII) que deixa transparecer a predominância de *elementos β* intoxicantes (Chabert, 1997/2003).

A análise destes procedimentos revelou a existência da *tela β* composta por *elementos β* evacuados sob a forma de delírios e alucinações. A *tela β* não consegue delimitar o consciente e o inconsciente, nem os afetos e fantasias que transitam entre eles. Forma-se uma confusão entre o real e o imaginário. A existência da *tela β* aproxima o sujeito da *unidimensionalidade*. Há um predomínio da fantasia (usada pelo sujeito como um facto) indistinguível da realidade, induzindo estados confusionais. A fantasia é a coisa e o sujeito acredita na realidade do delírio e da alucinação (Oneto, Marques, & Pinheiro, 2009). Esta tela é própria de estados psicóticos.

Igualmente importante para o desenvolvimento do aparelho psíquico é a capacidade de tolerar a frustração, associada à ausência do objeto *continente*. O vazio deixado na ausência é insuportável para o psicótico. Ele não é capaz de imaginar o regresso do objeto, restando-lhe a dor do vazio, nem contida nem transformada (Bion, 1959/1991b). A dificuldade em lidar com o vazio manifesta-se no protocolo Rorschach pela tentativa de o encobrir (II), através de uma interpretação do branco isolado e da sua inclusão nas respostas (I, II, VIII). O tempo de latência elevado no cartão VII constitui um bloqueio do processo associativo. Reflete o vazio do espaço mental que impossibilita o pensamento. O confronto com o vazio obriga o sujeito a um movimento de fuga da realidade no sentido da sua ocultação. Para o efeito, ele recorre à projeção de *objetos bizarros*, sob a forma de delírios e alucinações. No último cartão, surge uma imagem ameaçadora de queda no derradeiro *buraco-negro* (Grotstein, 1999).

Do ponto de vista de Chabert (1998/2000) as dificuldades de atenção e concentração resultam da necessidade de rutura com a realidade pelo que ela representa. No Rorschach estas dificuldades manifestam-se através da predominância de G e da indiferenciação figura/fundo (I, II, VIII). Quando o material confronta o sujeito com o vazio, o Rorschach passa a ser um lugar de desinquietação, reforçando a necessidade de procura do *continente*. A capacidade de tolerar o vazio permite o seu preenchimento adequado. A incapacidade, no limite, conduz o

sujeito à queda no nada desintegrador do *buraco-negro* (op. cit.).

Apesar de não haver uma perda total do contacto com a realidade, visível nas banalidades que surgem nos cartões cuja aproximação do real impõe respostas mais adaptativas (III, V), a S ataca os vínculos pelo conhecimento da verdade (*O*) que podem trazer à consciência. O ataque aos vínculos surge como forma de evitar a dor associada às verdades intoleráveis, sendo preferível uma não verdade ou uma mentira (Bion, 1962/2003). Este movimento destrutivo manifesta-se no protocolo Rorschach pela presença de G e D associados a más formas (VI, VII, IX). Do ponto de vista de Chabert (1998/2003), a dissociação é reveladora da quebra dos elos de ligação/vínculos entre acontecimentos, pensamentos, e afetos. No protocolo a dissociação revela-se através de equivalentes de recusa (III, VII), choques (VII, IX) e algumas respostas desprovidas de sentido (I, III, V). Quando os vínculos são atacados as ligações são fragmentadas e projetadas, com prejuízo do aparelho mental, das funções do pensamento verbal, de formação de símbolos, do conhecimento e do uso da linguagem. Há, portanto, uma inversão do crescimento mental impedindo a capacidade do sujeito passar do estado caótico de dispersão (*Ps*) para o estado de integração (*D*). Este facto é bem visível na impossibilidade constante que a S tem em se organizar, perante a apresentação do material com as suas características caóticas e desorganizadoras, apesar das suas tentativas visíveis nas respostas com recurso a um modo de apreensão quase sempre em G.

Em função dos resultados obtidos neste estudo, apresentamos uma breve conclusão do que retiramos da análise do protocolo Rorschach, sobre o desenvolvimento mental e os processos psíquicos psicóticos, analisados à luz das teorias bionianas.

Segundo Marques (1999) a aplicação do Rorschach permite-nos aceder ao modo de funcionamento do sujeito e conhecer a sua verdade. O confronto com o material, devido ao seu conteúdo simbólico, faz emergir esta verdade (*O*) que o sujeito terá que ser capaz de tolerar e procurar, operando sobre ela transformações que a tornem acessível à consciência (conhecida). No psicótico, não há uma procura desta verdade. Pelo contrário, há um movimento em oposição a ela, numa tentativa de a evitar, pelo sofrimento que esta pode causar. O equipamento mental de que o sujeito dispõe mostra-se inadequado. Deste modo, se o sujeito não está preparado para a conhecer e a imposição da verdade causa sofrimento.

Falhas graves ao nível da relação precoce e das interações mãe-bebé terão impedido a aquisição das funções consideradas necessárias para o desenvolvimento mental ocorrer com

alguma normalidade. Deste modo, o sujeito não desenvolveu de forma adequada as suas capacidades para pensar e simbolizar. Devido à incapacidade de *rêverie* e a uma relação *contínente-conteúdo* ineficiente, há uma impossibilidade de aprender com a experiência, compensando as falhas inexistentes ao nível da *função  $\alpha$* .

Como o sujeito não é capaz de tolerar a realidade, recorre aos mecanismos de que dispõe para lidar com a angústia, procurando evitar desorganizar-se. Estas defesas são a *identificação projetiva*, na sua forma patológica, e o ataque aos vínculos, configurando uma espécie de movimento anti-pensamento. O manejo da vida psíquica torna-se muito difícil pois os afetos e a experiência mental têm um impacto desorganizador constante, invadindo o espaço psíquico sem que o sujeito tenha condições para os transformar. O recurso à *identificação projetiva* patológica, visando aliviar a mente, tem efeitos destrutivos pois projeta os *elementos  $\beta$*  acrescidos de fragmentos da personalidade. No limite esta prática conduz ao esvaziamento da mente. Por outro lado, o ataque aos vínculos impede o sujeito de estabelecer ligações entre a percepção e o pensamento, tornando-se incapaz de elaborar e pensar. A destruição dos vínculos impede o movimento dinâmico dispersão/integração ( $Ps \leftrightarrow D$ ).

As evidências decorrentes da análise do protocolo estudado mostram que existe um grave comprometimento dos limites que deveriam proteger a mente da parte psicótica da personalidade, permitindo a sua sobreposição à parte não psicótica. Desta forma não é possível ao sujeito manter a dialética psicológica. Há uma constante invasão do mundo interno pelo mundo externo e uma enorme confusão entre a fantasia e a realidade. No caso estudado, verificámos a existência da *tela  $\beta$*  constituída por *objetos bizarros*. Estes acabam por ser expelidos sob a forma de delírios e alucinações, usados pelo sujeito como se fossem reais. O preenchimento do vazio, através dos delírios e alucinações, constitui um risco no sentido da queda no *buraco-negro*.

Mesmo que o sujeito tenha conseguido desenvolver a *função  $\alpha$* , a deficiente relação *contínente-conteúdo* impediu o desenvolvimento da *função contínente*. Isto significa que não lhe foi possível desenvolver um espaço mental estável onde pudesse evoluir do nível do pensamento concreto para o simbólico (Grotstein, 2003). Assim, o sujeito psicótico pode oscilar entre o mundo irracional da *unidimensionalidade* e o mundo fusional da *bidimensionalidade* onde predomina o polo da fantasia. A precaridade da representação do objeto impede-o de aceder à *tridimensionalidade*.

Através da análise do Rorschach percebemos que não é possível o encontro entre o

simbólico e a mente ou entre a percepção e o pensamento (Marques, 1999). O contacto com a mancha favorece a formação de *conteúdos*, impondo ao sujeito a necessidade de pensar. Ora, a mente do psicótico não é capaz de exercer a *função continente* nem de aceder aos vínculos (amor, ódio e conhecimento) que lhe permitiriam operar transformações nos conteúdos. Em vez de criar novos objetos sob a forma de símbolos, os conteúdos são projetados sob a forma de delírios e alucinações.

As falhas ao nível da aquisição das funções do pensamento em conjunto com a intolerância à frustração impedem o sujeito de se organizar, passando do estado de dispersão ao estado de desintegração. Deste modo, não é capaz de elaborar respostas criativas, geradoras de “novos objetos”. Segundo Marques (1999) é a contenção e transformação em algo novo que permite a restauração do equilíbrio psíquico e a abertura das vias do conhecimento, no sentido da verdade (*O*).

## CONCLUSÃO

Chegados ao final deste percurso, impõe-se uma reflexão sobre o trabalho realizado. Inscrito numa perspectiva psicodinâmica, procurámos demonstrar a possibilidade de compreender através da análise de um protocolo Rorschach as vicissitudes do processo de desenvolvimento mental, que estão na base da patologia psicótica, conforme descritas por Bion. O estudo das teorias e modelos explicativos do autor, permitiram-nos um aprofundamento de saberes sobre a realidade psicológica subjacente a este modo de funcionamento. As perturbações do pensamento apresentam-se como um dos principais motivos de preocupação. Ao mesmo tempo definimos como meta o ampliar dos nossos conhecimentos sobre a metodologia Rorschach, pela qual nutrimos um especial interesse, dadas as suas possibilidades no sentido do conhecimento do sujeito psicológico. Ao longo do percurso foram muitas as dúvidas, quanto ao caminho a seguir, para realizar uma investigação que nos permitisse contribuir para o desenvolvimento da Psicologia Clínica.

Mas o nosso interesse pessoal não foi o principal motor deste trabalho. Pretendíamos, sobretudo, encontrar uma via possível para explorar e alargar o âmbito de ação da Psicologia Clínica contribuindo, se possível, para a construção de conhecimento e para o enriquecimento da técnica Rorschach. Deste modo, o objetivo a que nos propusemos, determinado com base numa revisão prévia da literatura, foi o de estudar através do Rorschach os processos característicos da psicose, partindo de algumas hipóteses formuladas. Para o efeito procurámos organizar e adaptar procedimentos técnicos da metodologia Rorschach já existentes. Introduzimos ligeiras alterações que nos permitissem desenvolver as suas potencialidades tornando-o mais sensível às manifestações psicóticas em estudo.

Com base na revisão conceptual realizada, concluímos que a psicose resulta de perturbações dos processos do pensamento. Procurámos então delimitar estes processos em termos de desenvolvimento psíquico, de forma a acedermos às causas e definirmos as manifestações da psicose. Foi-nos então possível organizar, em função das dimensões de estudo definidas, os procedimentos de análise do protocolo Rorschach que nos conduziram a uma melhor leitura compreensiva do funcionamento psicótico.

A análise deste protocolo permitiu-nos perceber que as falhas ao nível das funções básicas

do pensamento são reveladas pelos défices típicos do modo de funcionamento psicótico. Apesar dos esforços de organização psíquica, o psicótico não tem os meios necessários para o fazer por si só. Na realidade, a impossibilidade de constituir um *continente* psíquico deixa-lhe como possibilidades: a expulsão através da *identificação projetiva* patológica dos elementos que não pode conter e o ataque aos vínculos com forma de evitar o conhecimento da verdade temida pelo seu significado. O psicótico acaba por sofrer as consequências destrutivas da utilização excessiva destes mecanismos.

O Rorschach, em vez de se revelar como um espaço de transformação e criação, onde se abre uma infinidade de significados, tornados possíveis numa relação *continente-conteúdo* (Marques, 1999), revelou ser um espaço utilizado para colocar fora de si, através da *identificação projetiva* patológica, tudo aquilo que não pode ser contido e transformado. Desta forma o sujeito procura evitar ou anular a dor psíquica que o conhecimento da verdade sobre si acarreta.

Como método, sabemos que o Rorschach é um espaço de encontro do sujeito com o material e com o psicólogo. Propicia a mudança catastrófica no sentido da construção de conhecimento através da atribuição de sentido, da significação e da simbolização. Ocorre em simultâneo com um trabalho de ligação, integração e transformação (Marques, 1999). Na prática verificou-se a extrema sensibilidade do instrumento às perturbações dos processos do pensamento, associadas nomeadamente à impossibilidade de pensar e simbolizar, à ausência de barreiras, à patologização da *identificação projetiva* (diretamente ligada ao excesso de *elementos  $\beta$* ), à fuga da realidade, à intolerância ao vazio deixado pela ausência do *continente* e à bizarria do pensamento, todas elas tão características do modo de funcionamento psicótico.

A utilização da análise de apenas um protocolo, mostrou-se satisfatória como forma de ilustrar a utilização da grelha de procedimentos definida para o efeito. Trata-se de um trabalho exploratório, que dá um especial destaque ao desenvolvimento da técnica Rorschach. Todavia, consideramos ser esta uma limitação do estudo, pois não nos permite aceder às múltiplas expressões dentro da psicose.

Por outro lado, apesar de não termos como objetivo a formulação de um diagnóstico, a abordagem utilizada, muito direcionada para manifestações decorrentes das falhas do processo de desenvolvimento do pensamento acabou por nos aproximar demasiado da lógica psicopatológica. A ampliação do estudo a uma população clínica mais alargada, poderá permitir

uma abordagem mais direcionada para as possibilidades de retomar com estes pacientes o ponto em que ocorreram as falhas geradoras da perturbação.

Segundo Bion (1957/1991a), do ponto de vista analítico, o estabelecimento de uma aliança com a parte não-psicótica da personalidade, responsável pelo contacto com a realidade, facilitador de uma vida dentro de um certo grau de adaptabilidade, poderá permitir a construção de uma relação. Através da vivência positiva de experiências de contenção, aceitação e transformação, será possível recriar um espaço onde se possa retomar o ponto onde o desenvolvimento do *aparelho para pensar os pensamentos* parou.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bion, W. (1957/1991a). Diferenciação entre a Personalidade Psicótica e a Personalidade Não-psicótica. Em E. Spillius, *Melanie Klein Hoje: Desenvolvimento da Teoria e da Técnica* (Vol. 1, pp. 69-78). Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. (1959/1991b). Ataques ao Elo de Ligação. Em E. Spillius, *Klein Hoje: Desenvolvimento da Teoria e da Técnica* (Vol. 1, pp. 95-109). Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. (1962/1991c). Uma Teoria do Pensar. Em E. Spillius, *Klein Hoje: Desenvolvimento da Teoria e da Técnica* (Vol. 1, pp. 185-193). Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. (1962/2003). *Learning from Experience*. London: Karnac.
- Bion, W. (1984). *Transformations*. London: Maresfield Reprints.
- Bion, W. (1991). *Elementos em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Chabert, C. (1997/2003). *O Rorschach na Clínica do Adulto*. Lisboa: Climepsi.
- Chabert, C. (1998/2000). *A Psicopatologia à prova do Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- Delgado, L. (2006). *A Dinâmica Criativa através do Thematic Apperception Test (Dissertação de Doutoramento em Psicologia Aplicada)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa e Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Deus, A. d. (2012). *Alcoolismo no Feminino*. Lisboa: ISPA - Instituto Universitário.
- Dias, C. A. (2004). *Costurando as Linhas da Patologia Borderland (estados-limite)* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi.
- Fabião, C. (2007). *Narcisismo, Defesas Primitivas e Separação*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ferro, A. (2005). *Seeds of Illness, Seeds of Recovery*. London: Brunner-Routledge.

- Ferro, A. (2006). Trauma, Reverie and the Field. *Psychoanalytic Quarterly*, LXXV, pp. 1045-1056.
- Fleming, M. (2003). *Dor Sem Nome, Pensar o Sofrimento*. Porto: Edições Afrontamento.
- Fonseca, M. (2012). *A Intersubjetividade no Transgeracional através de um Rorschach de Aplicação Conjunta (Tese de Mestrado)*. Lisboa: ISPA - Instituto Universitário.
- Gavanha, S. (2003/2005). *Sobre o Conflito Estético na Adolescência através do Rorschach (Tese de Mestrado)*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Godinho, M., Marques, M. E., & Pinheiro, C. (2009). A Expressão no Rorschach dos Fenómenos Transitivos e do Espaço Potencial da Personalidade Borderline. *Análise Psicológica*, 3 (XXVII), pp. 349-363.
- Grinberg, L., Sor, D., & De Bianchedi, E. (1974). Bion's Concepts of Psychosis. *Contemporary Psychoanalysis*, 10, 157-172.
- Grotstein, J. (1986). *Splitting and Projective Identification*. London: Aronson, Inc.
- Grotstein, J. (1999). *O Buraco Negro*. Lisboa: Climepsi.
- Grotstein, J. (2003). *Quem é o Sonhador que Sonhou o Sonho? Um Estudo de Presenças Psíquicas*. Rio de Janeiro: Imago.
- Marques, M. E. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- Meltzer, D. (1975/1991). Dimensionality as a Parameter of Mental Functioning: its relation to Narcissistic Organization. Em D. Meltzer, J. Bremner, S. Hoxter, D. Weddell, & I. Wittenberg, *Explorations in Autism, a Psycho-analytical Study* (pp. 223-238). Oxford: The Roland Harris Trust Library.
- Nascimento, A. (2005). *Vazio que é vazio, Vazio que é Procura. (Des)Encontros. Procurar o (no) Vazio no e pelo Rorschach (Tese de mestrado)*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

- Oneto, M., Marques, M. E., & Pinheiro, C. (2009). A Natureza e Especificidade do Espaço Mental através do Rorschach. Um Espaço Potencial? - Análise de um Protocolo de uma Paciente Limite. *Análise Psicológica*, 3 (XXVII), 331-347.
- Soares, A. (2007). *A Barreira de Contacto do Processo Adolescente através do Rorschach (Tese de Mestrado)*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Symington, J., & Symington, N. (1999). *O Pensamento Clínico de Wilfred Bion*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Traubenberg, N. R. (1970/1990). *A Prática do Rorschach*. São Paulo: Cultrix.
- Tröger, N., & Pinheiro, C. (2009). O Rorschach e a Função Materna no Sujeito Transexual. *Análise Psicológica*, 3 (XXVII), pp. 319-330.
- Wieland, C. (2013). Freud's Influence on Bion's Thought. Em R. Hinzelwood, & N. Torres, *Bion's Sources, The Shaping of his Paradigms* (pp. 104-114). London: Routledge.
- Zimmerman, D. (1995). *Bion, da Teoria à Prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

## **ANEXOS**

## Anexo A

### Protocolo Rorschach

Respostas	Inquérito	Cotação			
<p><b>I</b> <b>4''</b></p> <p>1- Faz-me lembrar as máscaras do Halloween. Sim, pela expressão faz-me lembrar o rosto do Halloween. Essencialmente faz lembrar uma máscara. É a impressão que me deixa ficar.</p> <p><b>1'04''</b></p>	Os olhos no branco (Dbl sup); nariz no centro (Dd central); parte dos dentes (Dbl inferior); à volta é o contorno aberto da máscara	Gbl	F+	Másc	
<p><b>II</b> <b>8''</b></p> <p>2- Jesus Cristo. Não consigo explicar porquê, mas fez-me lembrar Jesus Cristo.</p> <p>3- Não sei se é por causa daquela questão do manto e da imagem do rosto. Ao mesmo tempo por parecer ser uma expressão de sofrimento que está aqui expressa no cartão.</p> <p>4 - E o vermelho que é o sangue. Fez-me lembrar Jesus cristo.</p> <p><b>45'</b></p>	<p>Olhos no vermelho (D verm.); parte do nariz (D central); as maçãs do rosto (D laterais).</p> <p>Qualquer coisa semelhante a um rosto lavado que fica como marca.</p> <p>O manto é o fundo branco.</p>	Gbl	K	(Hd)	
		Dbl	C'F	Obj	
		D	C	Sg	
<p><b>III</b> <b>3''</b></p> <p>5- Este faz-me lembrar dois nativos de África. É a primeira coisa que me vem a cabeça. A preparar uma refeição. Sim! Os tons de vermelho não me dizem nada.</p> <p><b>30''</b></p>	<p>Aqui são as duas figuras (D centrais)</p> <p>Aqui são como se fossem caçarolas (D central inferior) e o fundo cinzento é uma espécie de lareira (Dd inferior)</p>	G	K	H	ban

<b>IV</b> <b>5''</b> <p>6- O Sky. Fez-me lembrar o meu cão. O nariz, depois montes de pelo. Assim uma expressão muito indefinida porque é só pelo por todo o lado. E as orelhinhas em cima e depois assim um tufo de pelo em cima. Fez-me lembrar o Sky.</p> <b>35''</b>	<p>G  Nariz (D central inf.); tufo de pelo (D central sup.); orelhas (D laterais).</p>	G	FE	Ad	
<b>V</b> <p>7- Um morcego. Um morcego em pleno voo. Deve ser o que toda a gente diz, que faz lembrar um morcego.</p> <b>25''</b>	<p>G  Está lançado. As patinhas, a cabeça, as orelhas, um bocadinho maiores do que o normal, e as asas esticadas.</p>	G	kan	A	ban
<b>VI</b> <b>8''</b> <p>Este é mórbido para mim.</p> <p>8- Faz-me lembrar um gato atropelado no chão, na estrada mas, ao mesmo tempo, como se fosse um cartoon, um desenho animado. Mas um gato atropelado, sim.</p> <b>27''</b>	<p>G  Cabeça, nariz, focinho; cabeça e orelhas (D superior); o resto do corpo (D central); a coluna aqui (Dd central)</p>	G	F-	A	
<b>VII</b> <b>30''</b> <p>Este é indefinido. Não me diz nada. Não me faz lembrar nada.</p> <p>9 - Podia ver duas crianças a beijarem-se.</p> <p>10 – Também podia ver logo em baixo duas gárgulas.</p>	<p>(D's superiores)</p> <p>Cabeças de duas gárgulas (D's centrais)</p>	D	K	H	
		D	F-	Obj	

<p>Mas continua a ser qualquer coisa que não me diz nada</p> <p><b>1'20''</b></p>					
<p><b>VIII</b> <b>10''</b></p> <p><b>11-</b> Isto faz-me lembrar qualquer coisa indígena. Um padrão muito indígena da América do Norte.</p> <p>Talvez pelas cores, mas nada de concreto, nada definido.</p> <p><b>35''</b></p>	<p>Por causa destes traços (Dd central), que me fazem lembrar fios. É abstrato, faz lembrar os tecidos dos índios da América do Norte.</p>	Gbl	CF	Vest	
<p><b>IX</b> <b>15''</b></p> <p><b>12-</b> Isto faz-me recordar os desenhos dos monstros perfeitos do Giger.</p> <p>Não sei se conhece. Foi quem fez o desenho do Alien.</p> <p>Faz-me lembrar os monstros perfeitos do Giger.</p> <p><b>37''</b></p>	<p>O rosa faz-me lembrar os ombros (D inf.); Aqui é a zona do pescoço mais alto (Dd central); Esta parte esbatida é como se fosse uma caveira dos monstros, a cabeça (D central); Estas partes, verde e laranja, é como se fossem uma espécie de adornos.</p>	G	F-	(Hd)	
<p><b>X</b> <b>10''</b></p> <p><b>13-</b> Isto faz-me lembrar uma pessoa em queda mas em frente a um espelho, ao mesmo tempo, porque a imagem é simétrica.</p> <p>Conforme é a queda, parece que traz tudo atrás de atrás de si, de arrasto.</p> <p>Essencialmente é uma imagem de queda em frente ao espelho.</p> <p><b>52''</b></p>	<p>Aqui é a cabeça com barba (D cinzento central);</p> <p>Aqui é o corpo que, conforme ele cai arrasta coisas atrás dele (D rosa);</p> <p>Está a segurar com a mão (D azuis) coisas que ficam para trás mas que ele está a arrastar.</p>	G	K	H	

	Quando faz esse movimento, estão outras coisas em queda.					Prova das
--	--	--	--	--	--	--------------

Escolhas

- (+) **(IV)** Este porque me faz lembrar o Sky; estou com saudades e tenho estado preocupada com ele que tem estado doente.  
**(X)** Como se o movimento de queda me atraísse; como se me fosse bastante familiar.
- (-) **(VIII)** Faz-me lembrar motivos que não gosto particularmente. Não me cativa.  
**(VII)** Porque não me diz muito.

Psicograma

<b>R</b>	13		<b>F+</b> 1	<b>A</b> 2	<b>F%</b> 31% ↓
		<b>G</b> 6 69%↑↑	$\Sigma$ <b>F</b> 4	<b>F-</b> 3	<b>F+%</b> 25%↓↓
		<b>Gbl</b> 3		<b>Ad</b> 1	
<b>T.T.</b>	10'15''	<b>D</b> 3 23%↓↓	<b>K</b> 4	<b>H</b> 3	
<b>T.R.</b>	47''	<b>Dbl</b> 1 7%↑	<b>kan</b> 1	<b>(Hd)</b> 2	<b>A%</b> 23%↓
<b>T.L.</b>	9''		<b>C</b> 1	<b>Másc</b> 1	<b>H%</b> 31%↑
<b>T. A.</b>	<u>G</u> , <u>D̄</u> , <u>Dbl</u>		<b>CF</b> 1	<b>Obj</b> 2	
<b>T.R.I.</b>	4K > 3,5ΣC		<b>C'F</b> 1	<b>Sg</b> 1	
<b>F.C.</b>	1k > 0,5ΣE		<b>FE</b> 1	<b>Vest</b> 1	<b>Ban</b> 2
<b>R.C. %</b>	23%↓				<b>Ban%</b> 15%
<b>I.A.%</b>	15%				
<b>Prova</b>					
<b>Escolhas</b>					
++	IV, X				
--	VIII, VII				

Elementos Qualitativos

**Choques:**

Cartão VII – Tempo de latência (30'')

Cartão IX – Tempo de latência (15'')

**Comentários Objetivos:**

Cartão VI – “Este é mórbido para mim.”

Cartão VII – “Este é indefinido. Não me diz nada. Não me faz lembrar nada.”

**Observação Cor:**

Cartão III – “Os tons de vermelho não me dizem nada.”

Cartão VIII – “Talvez pelas cores...”

## Anexo B

### PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DA PSICOSE NO RORSCHACH

	Teoria	Técnica
Falhas na introjeção da função $\alpha$	Incapacidade para pensar e simbolizar	<ul style="list-style-type: none"> <li>- G simples associados a banalidades;</li> <li>- G impressionistas associados a expressões diretas de afetos ou determinantes sensoriais;</li> <li>- D isolados desligados das restantes imagens do cartão;</li> <li>- Imagens sem ressonância com o conteúdo latente;</li> <li>- Perseverações, recusas e choques;</li> <li>- Tempo de latência e tempo por cartão baixos;</li> </ul>
	Ausência da barreira de contacto	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gbl ou D bl em que a figura não se destaca do fundo;</li> <li>- G vagos (F+-), G F- e D F-;</li> <li>- F% abaixo da média (50%-70%);</li> <li>- Predominância de respostas F- (&gt; 50% do F total);</li> <li>- EF, CF e C'F em que a forma não se destaca do fundo;</li> <li>- E de textura;</li> <li>- K, kan, kob e kp delirantes;</li> <li>- (H), constituindo mais de 50% das respostas H;</li> </ul>
Falhas na relação continente-contéudo	Ausência da função continente	<ul style="list-style-type: none"> <li>- G vagos associados a determinantes sensoriais;</li> <li>- C, C' e E, pela ausência de determinante formal;</li> <li>- Hd, Anat e Sg;</li> <li>- Conteúdos de tendência regressiva;</li> <li>- Conteúdos constituídos por imagens de continentes vazios;</li> <li>- Conteúdos sem espessura, lisos, desvitalizados, petrificados;</li> </ul>
	Identificação Projetiva Patológica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dd arbitrários</li> <li>- Do resultantes de falhas perceptivas;</li> <li>- Excesso de respostas C e C';</li> <li>- Cinestésias interpretativas K, kob e kp;</li> </ul>
Inversão da função $\alpha$	Formação da tela $\beta$	<ul style="list-style-type: none"> <li>- G contaminados (D/G; Dd/G; Dbl/G);</li> <li>- G impressionistas associados a expressões diretas de afetos e determinantes sensoriais;</li> <li>- Dd arbitrários constituídos por imagens irreais e bizarras;</li> <li>- Cinestésias delirantes;</li> <li>- Sg, Anat e Sex dados de forma crua;</li> </ul>
Intolerância à frustração	Relação com vazio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dbl ignorados;</li> <li>- Gbl, D bl e Dbl pela interpretação abusiva do branco;</li> <li>- Dbl visto como imagem vazia;</li> </ul>
	Queda no buraco-negro	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conteúdos que reflitam o vazio interior;</li> <li>- Perseveração;</li> <li>- Presença de muitas recusas;</li> <li>- Tempo de latência elevado;</li> <li>- Excessiva manipulação dos cartões;</li> </ul>
Ataque vínculos	No sentido de $-K$	<ul style="list-style-type: none"> <li>- G e D associados a F+- ou F-;</li> <li>- G seguidos de D que indiquem rutura com o G;</li> <li>- Ausência de cor.</li> </ul>

Tabela 1. Procedimentos de análise da psicose no Rorschach.